

184



EDITORIAL

O último **QI** do ano novamente sai adiantado e novamente não dá para ser uma edição de Natal em pleno outubro. Mesmo assim, já deixo um jingobel para todos os leitores.

Os colaboradores estão presentes: Mário Labate Santiago, Henrique Magalhães, Luiz Iório, Luiz Cláudio Faria, Alex Sampaio, Manoel Dama, Worney Almeida de Souza, E. Figueiredo, Pedro José Rosa de Oliveira, além dos participantes do 'Fórum', que são uma dádiva. E as 'Edições Independentes' se mantêm um regalo aos interessados.

Mesmo ainda não sendo Natal, os encartes estão em clima de festa. São DEZ encartes de presente. Entre os impressos, o sétimo número de 'Primeiros Super-Heróis do Mundo', cortesia de Rod Tigre, o terceiro número de 'HQ Além dos Balões', cortesia de Fábio Sales, o segundo número de 'Editoras Brasileiras de Quadrinhos', cortesia minha em parceria com Pedro Rosa de Oliveira e Worney Almeida de Souza, o segundo número de 'Papos Tais', cortesia minha, e o primeiro número de 'Reportagens em Quadrinhos d'Antanho', cortesia de Francisco Dourado. Entre os encartes digitais, o nono número de **PSIU**, o 'Pôster José Ruy', mais um 'desenho animado', e o primeiro número de **Coleção Velha Guarda**, todos cortesias minhas. O 'Pôster José Ruy' é uma ilustração que fiz para ser contracapa do livro **José Ruy – A Alma Lusitana em Quadrinhos**, mas não pôde ser utilizada. Deixo agora disponível em formato A3 para quem quiser imprimir. O 'desenho animado' 'Colin-Onça' saiu de uma vinheta que fiz para finalizar o encarte de Fábio Sales sobre Flávio Colin. Aproveitei e usei as 9 imagens para fazer uma 'animação' rodada em PDF. O primeiro número da **Coleção Velha Guarda**, eu anunciei no número passado. Como tinha ficado grande, não coloquei disponível no sítio da Marca de Fantasia. Consegui refazer o arquivo em tamanho menor sem perder a qualidade e agora está disponível.

São ofertados, junto com esta edição, dois cartões para serem colados na capa (na ordem desejada). As imagens foram cortesia de Cliff Sterrett, a quem agradecemos (para a versão digital, os cartões já estão "colados"). E para completar, embora não seja Natal, adianto um cartão natalino.

Boa leitura!



QUADRINHOS INDEPENDENTES – Nº 184 – NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 2023

Editor: Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com

Rua Capitão Gomes, 168 – Brazópolis – MG – 37530-000

Tiragem de 70 exemplares, impressão digital.

RENOVAÇÃO DA ASSINATURA DO QI

Assinatura anual de 2024 correspondente aos nºs 185 a 190.

PREÇO: R\$ 40,00.

Pagamento através de depósito para

Edgard José de Faria Guimarães – CPF 470.293.586-00.

Caixa Econômica Federal – agência 1388

operação 001 – conta corrente 5836-1.

O depósito pode ser feito em Casa Lotérica (só em dinheiro).

**Envie, para meu controle, informações sobre o depósito:
dia, hora, cheque ou dinheiro, caixa automático ou lotérica.**

Nem sei o que é PIX.



Colaboração de Mário Labate Santiago.

MARIA - por Henrique Magalhães



<https://www.marcadefantasia.com/maria.html>

Colaboração de Henrique Magalhães.



PSICÓLOGO RAIZ!!



PROFESSORA SINCERA!



MATEMÁTICA APLICADA!!



Colaboração de Luiz Cláudio Lopes Faria.

GIBIS PERDIDOS NO TEMPO

DETETIVE SIR LOCK HOLMES TINHA MICKEY COMO PARCEIRO

Alex Sampaio

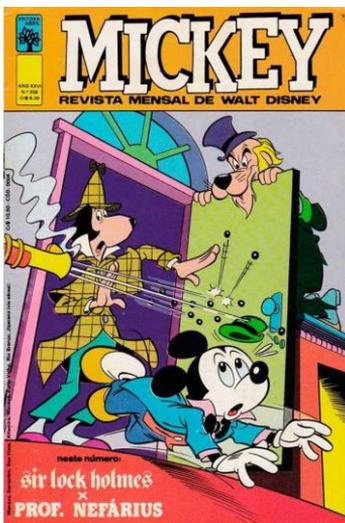
Em 1975 surgiu Sir Lock Holmes, um detetive quase homônimo ao original Sherlock Holmes. O personagem foi criado por Al Hubbard e Carl Fallberg e suas aventuras se passavam na Londres vitoriana, não nos dias atuais.

Sua primeira história foi publicada na revista **Mickey** nº 278. O detetive se gabava por ser um grande profissional, mas a realidade era bem diferente, pois nunca resolvia nada. Sempre muito atrapalhado e ingênuo, era constantemente enganado pelo seu maior rival, o Prof. Nefáriu, paródia do Prof. Moriarty, icônico inimigo de Sherlock Holmes.

Assim como o verdadeiro Sherlock, esse personagem adorava tocar violino, mas era tão péssimo músico quanto detetive. Quem sempre salvava a pátria e sempre desvendava os crimes, deixando os créditos para Holmes, era justamente o Mickey, onde fazia o papel do Dr. Watson, companheiro do detetive britânico.

Boa parte das aventuras de Sir Lock Holmes foi criada nos Estados Unidos. No Brasil há uma única aventura que foi escrita por Ivan Saidenberg e desenhada por Roberto Fukue. Essa história teve como título *Prof. Nefáriu Volta a Atacar* e foi publicada na revista **Mickey** nº 309, em julho de 1978, e republicada no especial **Sir Lock Holmes 40 Anos**, pela Abril em julho de 2015.

Nota: A Disney já havia criado outro personagem baseado em Sherlock Holmes. Foi Berloque Gomes (Shamrock Bones, no original), criado nos EUA em 1952.



O blog made in quadrinhos agora está no Instagram

Acessem —————> @madeinquadrinhos

Curtam muitas informações sobre o mundo das HQs. Matérias, dicas, novidades, curiosidades, lançamentos e muito mais!

O SORUMBÁTICO!

HOJE TIVE, FINALMENTE, MINHA ÚLTIMA SESSÃO DE TERAPIA E DESCOBRI QUE TODOS OS MEUS PROBLEMAS NÃO SÃO ORIUNDOS DA RELAÇÃO COM MINHA MÃE E SIM COM A MINHA AVÔ CRUEL, QUE AJUDOU A ME CRIAR... CLARO QUE EU OMITI O FATO DE QUE NUNCA A OBEDECI, SEMPRE ROUBEI OS TROCADOS DE SUA BOLSA (CULPANDO MEUS IRMÃOS), NUNCA ESCUTEI SEUS BONS CONSELHOS, PASSEI A INFÂNCIA QUEBRANDO SUAS BELAS PEÇAS DE PORCELANA POR DIVERSÃO, INVENTAVA FOCAS CRIATIVAS SOBRE A FIDELIDADE DO MEU AVÔ E, AGORA NA VELHICE, DEVO TER TROCADO SEUS REMÉDIOS ALGUMAS VEZES SÓ DE FARRA... MAS VOU SEMPRE AMAR A MINHA DOCE VOVÓ, MESMO A BRUACA TENDO ME TIRADO DE SEU TESTAMENTO...

MANOEL DAMA



Colaboração de Manoel Dama.

Recebi os álbuns, estão ótimos. Gosto das ilustrações avulsas e das capas reduzidas da última página. Se não se importa, gostaria de dar uma sugestão. Sei que fazer uma edição colorida não é fácil, em termos de custo e a dificuldade de achar uma boa gráfica com preço bom. Minha sugestão é que você selecione trabalhos que tenham alguma coisa diferente na colorização. Neste número 17, as ilustrações é que fizeram um bom uso das cores. Nas HQs, a do Darkseid e a do Little Nemo foram as que tiveram as cores mais notáveis. Nas histórias de Natal, as cores estão boas, mas são mais convencionais. Mas na primeira história, as cores não têm muito atrativo. Sei que o colorido dos comic books de mais de 50 anos atrás não eram lá grande coisa. Aliás, o colorido das revistas americanas sempre foi ruim. Mas acho que compensa escolher material que tenha algum diferencial no colorido. Embora seu enfoque seja no material de comic book, nesse número você colocou uma página de sunday de jornal. Nas sundays, ao contrário dos comic books, o colorido de muitas séries era espetacular. Só para citar algumas, além de Little Nemo: Polly and her pals, Gasoline Alley, White Boy, etc. Não é um material que seja do gosto da maioria dos leitores, mas talvez o fato de terem uma colorização mais criativa atraia os leitores.

As suas observações são muito certeiras, perfeitas em alguns casos, especialmente referentes às cores. Depois que imprimi o 13, foi uma das minhas preocupações, pois ao fazer o 13, contava com o uso do papel branco, visto ter ficado enamorado da impressão p&b do Alegoria. Como tal não aconteceu e tive que optar pelo papel pólen, mesmo o 17 já estar praticamente pronto na época do 13, resolvi ficar distante de páginas em p&b nesta edição em cores. Gostei do papel pólen e ele acabou virando a minha única opção, por enquanto, mas ainda sonho com o p&b das edições regulares. No caso do 17, o fator monetário foi um direcionador... pois originalmente conteria 36 páginas, já que eu queria analisar friamente as variações e custo (e até de vendas) entre duas edições iguais, diferentes apenas pelo colorido. O que aconteceu foi que, ao saber do aumento de 20% do preço do papel no nº 16, com o 17, de novo, meio atrasado, fiquei muito preocupado. Se esse aumento também se estendesse ao 17, seria inviável imprimi-lo. Não inviável, mas caríssimo. Ao falar com a gráfica, o aumento não era tão expressivo e aí, como eu queria publicar a história do Desafiador e Supermoça (tanto que no expediente a menciono como uma publicação em partes), aí resolvi partir para o tudo ou nada e a estendi para 48 páginas. Como tirei as "provas" de scans da edição original, e o colorido dos anos 1980 começava a melhorar, tem uns vazados, mas é aceitável. A do Darkseid e do Ás Inimigo, da mesma época, seguem os mesmos padrões.

Lembro-me que nos anos 1980 o colorido dos quadrinhos sofreu uma grande revolução. O uso de clichês de ferro, tradicionais até então, por uma questão de custos, foi substituído por clichês de plástico, onde o início da impressão ficava bom e do meio ao fim, com o esgarçamento das placas, ficava bem ruim. Comparei a minha edição com a de um amigo e é verdade. O George Pérez, ao ver a impressão do **Crise das Infinitas Terras** 1, avisou ao Dick Giordano que, se a impressão continuasse daquele jeito, não desenharia mais a série. Sendo o Giordano o chefe e o arte-finalista, daí veio a solicitação para melhorar a impressão, mas isso demora um bom tempo. Isso deu origem ao formato 'Dark Knight', a lombada quadrada com papel Baxter e melhor impressão... mas só, naquele primeiro momento, dirigido aos formatos melhores, mais rentáveis. Essas histórias são da fase final, antes do Baxter começar a dominar as edições mais vendidas (Novos Titãs e Legião dos Super-Heróis) e um papel melhor e colorido melhor também surgir nas edições tradicionais. E tem também um fato curioso: eu gosto do colorido antigo. O caso é que na DC tinha momentos em que a produção gráfica ficava horrível.

Já no caso de 'Valquíria enfrenta Airboy', fui procurar as edições onde essa história tinha saído e, sim, temos edições com colorido mais moderno, mas, e aí é uma questão pessoal, não fui convencido por ele e acabei usando a impressão original, inclusive com as situações de "fora de registro" do colorido. Só a restauração já podia que se usassem as novas versões, mas acabei ficando com o original. Como disse, apesar de gostar do colorido 4 cores dos comics, nesse caso achei a nova impressão meio oleosa (e redeseños de diversos quadrinhos) e optei por manter a original.

Interessante você falar sobre o Gasoline Alley, pois tinha aqui umas páginas há tempos em meus arquivos e queria usar, assim como a página do Little Nemo. Um item importante: muitas vezes, o material que uso é de scans de originais na internet, assim podem não estar nas melhores condições. Os meus designers têm feito um bom trabalho em torná-las o melhor possível e a do Little Nemo ficou muito boa, em relação às cores originais, muito desbotadas. Confesso que, ao contrário de você, não gostei muito da impressão dela, justamente por ser uma página dominical, grande, gigante, e mesmo no formato 21x28cm, ter ficado pequena. O 17 todo é composto com histórias de 3 tiras por página e o Nemo tem 4 (5 com o título), então pareceu claustrofóbica, pequena, não queria publicá-la.

A tira do Gasoline Alley está programada para sair como a quarta capa do Alegoria 21, uma edição de Natal, mas estou enfrentando problemas com a edição, pois por ser a "verdadeira" edição de Natal, as histórias são mais "infantis", voltadas para aquele público que nós éramos quando tínhamos de 7 a 10-11 anos de idade. Ainda está com 36 páginas (e desde o 18 parti para as 44 face ao custo de algumas páginas p&b no miolo não ser tão elevado), então preciso adicionar mais alguma história, mas o grande problema é justamente a página do Gasoline Alley. Estou com receio que ela dê também essa impressão de muito comprimida. Tem, assim como a do Nemo, com o título, 5 tiras, mas não quero perdê-la. Ela deveria ter saído, originalmente, no Alegoria 9, que era a edição de Natal do ano passado, mas com os problemas de impressão do 8 e um atraso gigantesco do 9, só agora sairá com o 21. Como disse, as cores são melhores e reflete bem o espírito natalino e não quero perdê-la. A propósito, onde Gasoline Alley foi publicado aqui no Brasil? Ela era uma das tiras mais antigas e com grandes particularidades, notadamente o envelhecimento dos personagens, mas nunca teve algum álbum ou edição especial por aqui, eu acho.

Na enciclopédia do Luiz Antônio Sampaio não há menção da publicação de Gasoline Alley no Brasil. Também o "Guia dos Quadrinhos" não faz nenhuma menção.

Nos EUA, a editora Drawn & Quarterly publicou, a partir de 2006, 8 livros com a fase de Frank King de 1918 a 1934. A Dark Horse fez 2 álbuns no tamanho gigante com as páginas dominicais de Frank King de 1920 a 1925. E a IDW fez um livro com a fase de Dick Moores de 1964/66.

Curiosamente, o próprio Luiz Antônio Sampaio publicou 10 aventuras, em inglês, em "Comic Strip Gazette" e "The Comic Strip Magazine".

GAZY ANDRAUS
yzagandraus@gmail.com

Recebi o **QI** 183 e já vou mostrar, na quarta, na última aula que darei na pós, sobre HQZines como artes.

ANDRÉ CARIM
andreacarim@outlook.com

Acuso o recebimento do **QI** 183. Segue texto das redes sociais: "Mais uma edição do **QI** – Quadrinhos Independentes, do amigo e quadrinhista Edgard Guimarães chegando... Muita HQ, quadrinhos, fórum, divulgação de revistas e de independentes e o toque mais que especial do amigo Edgard. O **QI** vem com dois encartes impressos, **Arcindo Madeira**, um ilustrador, cenarista e pintor; e **Quadrinhos de Não Ficção**, por Fabio Sales! Edgard mantém a pegada com seu informativo que já é presença sentida a cada novo bimestre... e, claro, o seu amor pelos quadrinhos nacionais demonstrado em cada página tão bem editada por Edgard."

Seria bom que esse livro – **José Ruy, a Alma Lusitana em Quadrinhos** – fosse editado também em Portugal. Você tem muitos contatos lá, não seria possível encontrar um editor para essa edição?

Recebi o **QI 183** + encartes, obrigado. Muito bela edição com a figurinha animada na capa. Você sempre se supera em criatividade e “invençioneiro”. Vou ler com calma, talvez aguarde a edição digital. Gosto de ver as imagens coloridas e aumentar o tamanho das letras. Já não tenho vista para letras tão miúdas.

Já baixei todos os arquivos e em breve os incluirei em seu site. O encarte ‘2º&1/2’ é para imprimir e recortar? Lembra-me aqueles livros de animação para folhear.

O encarte da Monkinha já é o “desenho animado”. Você abre o arquivo no Acrobat, coloca para aparecer a página inteira e mantém pressionadas as teclas “Page Up” ou “Page Down”. As páginas passam rapidamente, para frente ou para trás, dando o efeito da animação.

O editor mais recente do José Ruy em Portugal é o Rui Brito da editora Polvo. Você não tem contato com ele? Não sei se um livro que não seja de BD interessa a ele. Mas não custa consultar. Pretendo enviar o livro, quando estiver pronto, aos meus correspondentes que tinham ligação com o José Ruy, como o Carlos Gonçalves e o Carlos Rico.

Consegui ver a animação, ficou muito boa. São geniais essas suas criações.

Rui Brito é meu editor em Portugal, mas creio que ele só edita álbuns de quadrinhos, não livros com ensaios ou teóricos. Em outubro estarei com ele no festival AmadoraBD. Lá me informarei sobre algum editor que possa fazer este livro.

Em relação ao livro do José Ruy, eu fiz um resumo de nossas conversas durante a confecção do livro e fiz mais um número do encarte ‘Papos Tais’. Envio em anexo. Veja o que acha. Se não tiver objeção, distribuirei junto com o próximo “QI”.

Perfeito, sem objeção. Pode fazer o encarte. É ótimo porque mostra aos leitores os bastidores da elaboração editorial. De certa forma é um complemento ao encarte sobre meu processo gráfico, que saiu na edição anterior.

Grato pelo envio do **QI 183**. Como em edições anteriores, a capa continua criativa e bem elaborada. Tão incrível quanto o sapatinho da capa que veio à parte. O **QI** é um verdadeiro manancial de informações para os que curtem HQ nos dias atuais. Nada se compara a ele ultimamente. O **QI** levou apenas 5 dias para chegar.

O ‘Fórum’ continua forte e relevante. São muitas ideias, opiniões, curiosidades, informações e um mundo de detalhes sobre o universo dos quadrinhos. Um prato cheio para nós, apreciadores da arte. Sobre o envio dos Quadrinhos Institucionais a você, já pensou em fazer alguma abordagem sobre o tema? São muitas publicações que chegam as suas mãos e daria para elaborar talvez até um livro. Muito suporte para pesquisa.

A ‘Fuçadinha’ da edição pegou o lapso do Flavio Colin na revista **Eureka**. O sombreamento passou até pela revisão da editora.

A coluna do Worney está ótima neste número. Detalhes que poucos percebem ou passam batido pelo leitor. Realmente é muito comum nos gibis do Maurício o uso da metalinguagem. Uma forma de interagir com o leitor engajado com as publicações da editora. São detalhes simples mas que exigem a nuance e a concentração com a historinha.

Sobre a **Revista Ilustrada** que o Lio abordou, tive uma há alguns anos com capa do Getúlio Vargas, onde contava a vida do Presidente. Tinha desenhos de Aylton Oliveira. A edição era o número 5 de 1956.

Como sempre lembro, os encartes engrandecem a edição. Nessa não seria diferente. O Fabio e o José contribuíram de maneira rica com esse número. Parabéns aos dois!

Enfim, mais uma edição para ler e guardar.

Faz poucos dias que recebi o **QI 183**, com colagem de fotografias coloridas na capa diante da Mônica intrigada (na pág. 38 vejo a explicação, muito interessante Mônica e Monquinha), seguidos de dois encartes: **Arcindo Madeira** e **Quadrinhos de Não Ficção!**

Bela e instigante HQ de Lório.

Provocante pin de Labate.

Alex Sampaio desencana **Alakazan**, HQ esquecida da Ed. Vecchi.

A memória de E. Figueiredo relembra uma aula enjoada sobre Teorema de Pitágoras.

Retrospectiva da **Revista Ilustrada** por Lio Bocorny.

Destaque para a seção ‘Fórum’.

Interessante mini-resenhas de lançamentos de Quadrinhos Independentes.

Tirinhas irreverentes de Luiz C. L. Faria.

Worney fala de sua pesquisa nas bancas.

Manoel Dama ironiza o mundo digitalizado.

Pedro José disserta sobre edições do **Correio Universal**.

Maraiah questiona e incomoda.

Arcindo Madeira, José Azevedo lhe presta uma bela homenagem com fartas ilustrações.

Quadrinhos de Não Ficção, excelente tema de Fábio Sales enfocando agraques politizadas!

Parabéns pela robusta edição, caro Edgard!

Rodinério da Rosa iniciou campanha no Catarse do livro **Artbook Julio Shimamoto**. *Vejam lá.*



Retirei hoje na caixa postal o volume 183 do **QI**, muito bom. Também notei na etiqueta de endereçamento a informação: “Quitado até: a23”. Isso quer dizer que a minha assinatura se encerra este mês? Se a resposta for positiva, peço que me envie o valor para a renovação.

No que diz respeito ao material para o **QI**, vou tentar em breve lhe enviar alguma coisa.

Esta informação na etiqueta é um resquício de quando organizei meus projetos de produção, edição, impressão e divulgação de fanzines. Era para o leitor saber até que número ele tinha quitado o informativo. Hoje quase não tem relevância, mas eu não vou mudar o programa de imprimir etiqueta, nem sei se ainda sei como faz. No caso, “a23” significa que você fez a “assinatura para 2023”, que vence com este número 184. Na página 2 tem informação para a renovação.

Recebido e divulgado no **Memória dos Fanzines** #416.

<https://infernoticias.blogspot.com/2023/08/memoria-dos-fanzines-416.html>

Bom dia... em mãos! Leitura por fim de semana... e além! Forte abraço! Paz profunda!



MANUEL CALDAS
mcaldas59@sapo.pt

Parabéns pelo feito de ter conseguido publicar todo o Tarzan de Russ Manning para jornais. Você já verificou a possibilidade de publicar as adaptações de livros que Manning fez para os comic books da Gold Key? É um material meio extenso, mas é de boa qualidade. Foi pena o Manning não ter feito as adaptações de todos os livros.

De facto, ter conseguido publicar todo o Tarzan do Manning para os jornais é um feito, e espero nunca mais me meter em empresa da mesma envergadura.

Sim, pensei publicar os comic books realizados para a Gold Key e, veja lá, até comprei todos os comic books, com a intenção de a reprodução ser em fac-símil, sem restauro, como o que aparece no volume 7 das tiras diárias. Só que depois constatei que esse material já está publicado em Espanha em tempo recente.

O que gostava, sim, era de publicar os 5 álbuns que Manning criou para o mercado europeu, mas os últimos 3 só se publicaram na Alemanha ou em países de línguas difíceis e não se encontram senão em vendedores com os quais não consigo contactar. Veremos o que o tempo permitirá.

Aquele material da Gold Key teve 3 álbuns lançados por volta de 1999 pela Dark Horse, inexplicavelmente num formato reduzido. Depois, em 2012, a Dark Horse compilou todo esse material em um livro capa dura, muito bom. Colocou na capa "volume 1", mas nunca saiu um segundo volume. Neste primeiro estavam o correspondente a 11 edições da revista da Gold Key (155 a 161, 163, 164, 166 e 167). Ficaram faltando 6 edições da Gold Key com trabalhos de Manning (172 a 177). No Brasil foi editado o correspondente ao primeiro volume da Dark Horse, sem colocar "volume 1" na capa. Você disse que na Espanha o material já foi publicado. Mas será que foi também o correspondente ao volume da Dark Horse, deixando as 6 aventuras finais de fora? Por acaso eu até tenho 4 dessas edições originais da Gold Key. Comprei de um amigo que estava se desfazendo de sua coleção.

Quanto aos álbuns feitos para a Europa, a Ebal chegou a publicar dois deles, na minha opinião os dois melhores. Os outros tiveram recentemente edição independente no Brasil, com qualidade de impressão inferior. Quem sabe você não consegue ainda publicar esse material com a qualidade que merece. Enquanto isso, vamos aguardar a Dragão.

O **QI** 183 foi uma das edições que mais gostei. Destaco nas partes ilustradas as tiras do Luiz Cláudio, que entrou em contato recentemente comigo. Também a ilustração do Mário Santiago e a sempre perfeita contribuição do Luiz Iório. Um dia quero ver o Worney escrever sobre as minhas edições na 'Mantendo Contato'.

Uma coincidência o texto do Lio Bocorny sobre a **Revista Ilustrada** da Editora Legislação Federal. No mês passado comprei em um sebo umas edições de **Edição Maravilhosa** da Ebal (duas foram até repetidas, sem eu notar), e a edição 6 da **Revista Ilustrada** com 'A História do Brasil' comprei junto como se fosse o título da Ebal. Quando em casa fui analisar a revista, vi que não era da Ebal. Está na pilha para um dia ser lida, tomara. Tem roteiro de Sérgio Macedo e desenhos de Aylton Thomaz, a capa é de Gutemberg Monteiro. Eu procurei a edição no **Guia dos Quadrinhos** para catalogá-la na minha coleção e não encontrei o título pela editora, o qual ainda ficou dúvida para mim, pois a edição aparece um Extra junto ao título. Acabei cadastrando um título **Revista Ilustrada Extra** da editora Legislação Federal no site. Com a matéria do Lio, encontrei então o título **Revista Ilustrada** da editora Ersol, e vi que se tratava da mesma série. Agora caberá ao site eliminar a edição que inseri (o que não é possível para usuários). A correção do nome da editora (que consta com o mesmo endereço do expediente da revista) eu fiz. A edição é muito bonita e mesmo depois de tanto tempo, e um desgaste de manuseio, exposição ao estoque mal cuidado da loja, e ataque de insetos no meu exemplar, conservou bem a qualidade do papel.

Vi na pauta das mensagens a coleção do Príncipe Valente da Planeta DeAgostini. Foi para mim o principal lançamento de coleção de quadrinhos da década passada, eu que tenho um confesso repúdio às edições de capa dura. Edições caprichadas, alguns dos artigos publicados achei cansativos, poucos erros na aplicação das cores. Eu decidi fazer a coleção em triplicata, uma pela assinatura, duas compradas em bancas. A intenção era uma para ler, outra para reservar aos meus filhos, e outra para revender no futuro. Eis que em Indaítuba a edição não chegou nas bancas, eu consegui na banca do meu periférico bairro em Curitiba (viver em duas cidades tem suas vantagens). E logo após o lançamento, o sistema de distribuição ficou reservado, só mandavam na quantidade que cada loja escoava, sem extras. Foi até bom, pois logo os preços subiram e fazer a coleção em triplicata enfrentaria uma restrição orçamentária. Aconteceu que a banca fechou uns meses após a quarentena da Pandemia, e não havia como conseguir as novas edições em outras bancas. Assim, fiquei sem a segunda coleção completa. Agora tenho uma coleção e meia! A série compilou um ano de publicação a cada número, assim teve 82 edições, de 1937 a 2018. Posteriormente o selo Lirio Comics de Santa Catarina produziu dois álbuns independentes com os anos 2019 e 2020, em duas edições menos confortáveis de leitura, visualmente semelhantes à da DeAgostini, porém com o papel couché no miolo, encadernação limitada na abertura do livro e a capa com papel brilhante, o formato foi um pouco menor. Com matérias mais voltadas para colecionadores de conteúdo, pesquisado na internet. Para quem assinou a coleção da Planeta DeAgostini, ao longo das remessas alguns brindes vieram, como mapa pôster, caneta e um quase ridículo caderno de anotações.

Na mensagem do Alex Sampaio há a citação das famosas cópias que a Bloch realizava das capas do Conan. Já havia visto um exemplo no Dossiê Negro do João Marim, e creio que em uma revista especializada em quadrinhos também houve uma matéria sobre. Não sei ao certo quantos exemplos foram, seria um bom assunto para ser publicado num encarte.

Nas minhas mensagens publicadas, está sua informação sobre o material da Gibizada. Já anuncia a matéria da **Mestres do Terror** 80, que está chegando hoje ou amanhã da gráfica, e provavelmente já listada no **QI** 184. Bom que o Rod voltou a escrever, e vai produzir mais agora que está com a casa nova organizada. Longe de ser um fã ardoroso de super-heróis (ainda mais os nacionais), sou sim dos textos e pesquisas dele. Este mês de setembro a Ink&Blood estará presente em três eventos, 2 e 3 em São Paulo; de 7 a 10 na Bienal de Curitiba; e no dia 16 no HQ Fest em Indaítuba. Se for possível, compareça em um deles para uma conversa.

Não sabia que Joe Kubert havia tentado vender uma tira de boxe, Rocky, a alguma agência. Não era uma boa época para títulos dramáticos publicados em jornal. Kubert não foi o único artista famoso que teve um trabalho novo recusado pelos syndicates. Outros, inclusive Milton Caniff, tiveram a mesma decepção. Quanto ao Big Ben Bolt feito por Kubert, com bastante assistência de seus alunos do Joe Kubert School, viveu apenas por um brevíssimo período nas tiras de jornal (segundo consta, de maio a julho de 1970). Depois que John Cullen Murphy deixou Big Ben Bolt, para fazer Prince Valiant, o título teve inúmeros desenhistas e ghosts. Ninguém conseguiu evitar a rápida decadência da obra. Nem mesmo Neal Adams, que encerrou a tira em 1978 com a morte de Ben Bolt num atentado terrorista. Alguns jornais americanos não publicaram as últimas tiras, escondendo assim a morte do personagem.

O comentário de Alexandre Yudenitsch sobre adaptações de uma mídia para outra exigirem habilidades especiais é bastante oportuno. A adaptação de um filme para uma história em quadrinhos, pelo fato de ambos serem artes visuais, torna-se mais fácil e com resultados bons ou aceitáveis. No entanto, uma obra literária, quando transformada em história em quadrinhos, pode ter resultados bem adversos, frequentemente caindo numa verborragia irritante. É necessária muita maestria para evitar esse detalhe negativo. Algumas obras, pelos seus gêneros e desenvolvimento dramático, permitem uma transposição de narrativas expressas meramente por palavras para outras onde se misturam desenhos e palavras. Tudo de forma efetiva. Para não me estender em muitos exemplos, cito o caso do romance **The Door with Seven Locks** de Edgar Wallace. Um romance policial, tema muito bom para uma história em quadrinhos. O livro foi quadrinizado para a revista inglesa **Super Detective Library** e publicada aqui em **Misterinho** nº 1 (A Porta das Sete Chaves). Uma transferência de palavras para desenhos sem problemas. Quem não conhecia o romance, não saberia que era uma adaptação. No entanto, adaptar Wallace, Conan Doyle, Burroughs ou os quadrinhos é algo muito diferente do que adaptar Hemingway, Shakespeare, Jorge Amado. No primeiro caso o que realmente define suas obras são as tramas; no segundo, o estilo literário deles aparece em primeiro plano. É como transportar esse detalhe, puramente literário, para desenhos? Tarefa muito difícil, ou quase impossível, o que fatalmente leva, em muitas tentativas, a um uso abusivo de textos. Os filmes, por sua vez, tiveram mais sorte nessa metamorfose de uma mídia para outra. Foi no começo de 1950 que a editora americana Fawcett estabeleceu a revista em quadrinhos com adaptações de filmes. Tentativas já tinham ocorrido antes, mas foi com a **Fawcett Movie Comic** e **Motion Pictures Comics** que essa linha de revista se fortaleceu e foi adiante. No total foram 35 filmes quadrinizados. Quase todos publicados por aqui pela RGE e pela Ebal em revistas como **Cine Aventuras** e **Álbum Gigante**. Curiosamente a RGE parecia esconder dos leitores quadrinizações de filmes com Rocky Lane e Lash LaRue, publicando-as como se fossem histórias mais longas dos dois personagens. No Brasil, a Ebal publicou uma longa série de adaptações de filmes, originalmente feita pela Dell/Gold Key, na revista **Cinemin**. Foram adaptações com resultados bem adversos, tanto pelos desenhos como pelos roteiros, que se viam muitas vezes obrigados a abreviar, ou cortar, muitas seqüências. Esses mesmos detalhes, cortes e abreviações, são encontrados nas adaptações de muitos livros, os de Tarzan por exemplo, quando foram publicados nas revistas da Gold Key (aqui no Brasil na série Lança de Prata). O roteirista dessas adaptações, Gaylord DuBois, não conseguiu transportar para os quadrinhos (geralmente em duas partes) todas as complexas tramas e inúmeros personagens criados por Burroughs. Muitas seqüências, ou capítulos, dos livros foram ignorados ou resumidos num pequeno texto. Para quem conhecia os livros de Tarzan isso causava uma mutilação nas histórias, adaptações incompletas, mas que certamente despertavam a atenção dos leitores, que perdoavam esses deslizamentos, pelos desenhos de Russ Manning ou de Doug Wildey. Como se vê, adaptações de uma mídia para outra nem sempre são perfeitas ou possíveis.

Lá no primário nos ensinaram que um texto pode ser na forma de Descrição, Narração ou Dissertação. Na adaptação de um livro para HQ, o tipo mais adequado é o que traz principalmente narrativa. Histórias de aventuras, por assim dizer. Isso porque a HQ é principalmente narrativa. Claro que cada imagem também é descritiva e é essa função descritiva que justifica a frase "uma imagem vale por mil palavras". Mas não há literatura predominantemente descritiva, é claro, as palavras não são adequadas à descrição. Na literatura, a descrição é complemento, quando se deseja situar bem o ambiente onde ocorre a história. Já a dissertação só é apropriada no texto escrito, não dá para adaptar para HQ. Então se um livro é muito dissertativo, e alguém sem muita noção insistir em adaptar para quadrinhos, terá resultado ruim. Uma solução para uma boa adaptação é fazer uma obra mista. A parte descritiva é substituída por imagens, a parte narrativa é adaptada para HQ e a parte dissertativa é deixada em palavras. Mas acho que o público não aceita bem essa solução. Lembrando que em "Watchmen" Alan Moore acrescentou muito material escrito, mas como complemento, não inserido na história.

Por falar em alguém sem muita noção, lembrei-me agora de um livro que fiz em parceria com Laudo. "O Escroteiro Entrevistado" pretendeu adaptar para quadrinhos uma (suposta) entrevista de programa de TV. Ora, a informação principal estava contida apenas nas falas. O Laudo souou para fazer com que as duas centenas de quadrinhos não ficassem repetitivos.



Prince Valiant costumava sair no jornal de San Francisco no formato full page, isto é, pegando a página inteira do suplemento. Na edição de 26 de julho de 1970, ela foi reduzida para um formato estranho. Não era nem o formato tabloide menor nem a meia página. Compare com a sunday no volume 17 da coleção da Fantagraphics e você observará várias alterações (cortes e aumentos) nos desenhos e textos direcionados a novas posições. Não sei se isso era feito pelo próprio "syndicate" ou pelo jornal. A verdade é que as velhas páginas dominicais eram bastante maltratadas pelos "syndicates" e também pelos jornais que não respeitavam os leitores/colecionadores. Estes frequentemente publicavam o mesmo título em formatos diferentes de edição para edição, dificultando o leitor a recortar e colecionar suas obras favoritas. Eu consegui colecionar de jornais americanos no final da década de 1960, uns três anos, títulos como Tarzan (Manning), Prince Valiant, Flash Gordon, Big Ben Bolt, Mandrake e alguns outros, tudo no mesmo formato e tamanho. Foi sorte pois geralmente os jornais não faziam assim. Sei que os "syndicates" alteravam os originais dos desenhistas, para obter os vários formatos exigidos pelos jornais, mas estes por sua vez, também maltratavam bastante o material recebido das agências distribuidoras.

Judge Parker não precisava ser publicado em tamanho grande, mas esse formato de um quarto de página é bastante desagradável.

Muito bons os suplementos de comics que me mandou. Na década de 1960 predominavam os títulos sérios, com um bom tamanho. Vi aquele formato estranho do Prince Valiant que você mencionou, certamente o jornal fez o "ajuste" para ficar daquele jeito. Mas num outro suplemento tem uma página de Prince Valiant ocupando toda a página. Só que não é mais o caso. No início, a série tinha 4 ou 5 linhas de quadrinhos, então a página inteira era necessária. Essa a que me referi tem apenas 3 linhas de quadrinhos, então não precisa de todo esse espaço, fica parecendo que está faltando desenho.

Na década de 1960, data daquele suplemento que lhe mandei, talvez apenas Prince Valiant, mesmo assim em um número bem reduzido de jornais, ainda fosse publicado naquele formato de página inteira. Realmente, como você disse, aquele tamanho já não era mais necessário. Aquela “full page” poderia ser bonito, no entanto, como já comentei com você, eu não gosto dele. Publicações nesse tamanho são incômodas tanto para leitura como para guardá-las nas estantes ou armários. O melhor tamanho e formato para Prince Valiant, em minha opinião, continua sendo o usado pela Fantagraphics. Foster realmente costumava usar quatro ou cinco faixas de desenhos para sua página dominical, mas com a redução de seu tamanho, usado pela maioria dos jornais, aquele formato com apenas três faixas tornou-se o mais adequado. Foster costumava desenhar as sundays de Prince Valiant, pelo menos assim consta, em três partes, ou seja, separando em faixas. Não sei como fazia quando havia aqueles quadrinhos em formato grande. Eu só vi um original de Foster, portanto pouco posso atestar sobre o assunto. Era realmente uma sunday page em três partes.

Segundo depoimento de José Ruy, que acabei não incluindo no livro que a Marca de Fantasia acaba de lançar, o Eduardo Teixeira Coelho também desenhava as páginas que fez para o mercado francês, em 3 faixas e as colava com fita adesiva. Quando esses originais foram doados para uma Bedeteca portuguesa (não me lembro agora qual), as fitas adesivas, pela ação do tempo, haviam todas se soltado e as faixas de desenho todas se misturaram. Coube a Jorge Magalhães, que tinha as revistas francesas em que foram publicadas, organizar as faixas nas páginas corretas.

Você mencionou a coleção ‘Antologia da BD Clássica’ da editora Futura. Tenho um ‘causinho’ a respeito. O colecionador português José Sobral, já falecido, mudou-se para o Brasil e trouxe parte significativa de sua coleção e ele tinha muita duplicata. Mantive contato com ele e consegui muita coisa que me faltava. Eu havia enviado a ele uma lista grande de números que me faltavam de várias editoras portuguesas de BD. Em um evento em São Paulo, em conversa com ele, me perguntou: “Existe uma editora portuguesa muito boa, a Futura, mas você não listou nenhuma edição dela. Você não tem interesse?” E minha resposta: “Eu já tenho todas as edições da Futura”. Consegui dar um susto no Sobral.

Em tempos passados, não sei dizer exatamente quando, muitas publicações portuguesas de quadrinhos eram vendidas no Brasil. As edições da Editorial Futura, os diversos álbuns dos quadrinhos franco-belgas em belas edições. Depois parou. Provavelmente a parada tenha acontecido em Portugal. Não tenho recebido notícias do movimento editorial de quadrinhos por lá, mas não deve estar nada bom. Até mesmo o **Jornal do Cuto**, em sua fase inicial, era vendida por aqui. Eram os tempos em que livros e revistas vinham do exterior por navio e com postagem especial, bem barata. Hoje, esse material não vem mais navegando, tudo voando e com o porte também lá nas alturas. Não é difícil de se comprar um livro no exterior e o porte ficar mais caro do que o livro.

FABIO SALES
fabio.sales@uol.com.br

Mais uma capa diferenciada. Desta vez derivada de uma personagem nacional famosa e que na versão digital se transforma em uma animação. Tudo bem explicado no interior do QI. Como de costume, as seções tradicionais seguem com muita informação, esclarecimentos e curiosidades. E como complemento, mais encartes, alguns virtuais e dois impressos. Um, sobre Arcindo Madeira (devo agradecer a você e ao José Azevedo e Menezes por me apresentar a este artista, o qual eu não conhecia) e meu segundo encarte publicado, comentando um pouco sobre Quadrinhos de Não Ficção (também derivado de uma parceria com o canal Bicho de Prata do jornalista e editor Marcus Vinícius Gasquez). Tudo isso pode ser conferido também, e a cores, no Marca de Fantasia. Parabéns a todos os envolvidos.

COSME CUSTÓDIO
coscussilva65@gmail.com

O universo feminino é um campo vasto e fértil a alimentar o nosso apetite pelos segredos do seu gozo, com a tentação de querer dominá-lo ante a impossibilidade de conseguir compreendê-lo. Foi uma mulher quem articulou o ato sexual ao nascimento de um bebê, nove meses depois. Também foi de sua fala que um homem foi reconhecido como pai. Essa ligação do intercuro sexual com o nascimento demandou uma complexa elaboração de trabalho do espírito e significou um progresso cultural importante para a humanidade. Acrescente-se o fato de que todo homem tem na mãe a primeira experiência amorosa intensa, mas condenada ao fracasso pela proibição do incesto: isto é, amamos loucamente essa mulher, mas ela tem outro. Nesse sentido, o poder é feminino. E não tem nada a ver com empoderamento nem tautologia.

Os homens tentaram ao longo dos séculos cobrir as mulheres com o véu do patriarcado e da opressão, numa vã tentativa de dominar essa diferença inapreensível. A burca, o recato do lar e a ablação do clitóris são variações dessa busca desesperada de controle. A violência doméstica contra a mulher, o feminicídio e o assédio moral e sexual fazem parte da tirania do macho; e a tirania é sempre uma confissão de covardia.

Em contrapartida, muitos dispendem um esforço enorme para satisfazerem suas mulheres. Extremamente cuidadosos com a aparência, lembrar-se das datas festivas, dividem as tarefas domésticas, ficam grávidos das gestações de suas esposas e a elas não deixam faltar nada. Mas ainda assim, queixam-se e se dilaceram por não serem compreendidos pela mulheres insatisfeitas. São os tiranos incompreendidos. Marilyn Monroe dizia, “eu não engano os homens, deixo eles se enganarem”. A loira sabia das coisas.

Na orfandade do patriarcado, viril é o homem que suporta ser a sede das contradições de uma mulher.



FRANCISCO DOURADO
praianoturna@gmail.com

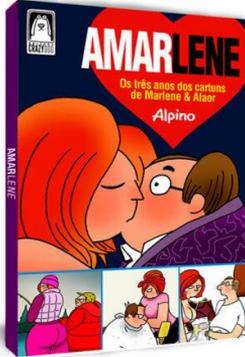
Passei a vista no novo QI, como sempre muito bom, seguem alguns adendos ao bom fascículo ‘Quadrinhos de Não Ficção’ de Fábio Sales.

É muito interessante como nesses primórdios dos quadrinhos, tinham a preocupação de retratar a realidade. Até com bastante frequência. Mas você tocou num ponto interessante. Todas essas edições com biografias de personalidades são quadrinhos de não ficção. A Ebal lançou quase 100 volumes só da Série Sagrada, 20 de Grandes Figuras e dezenas de edições avulsas. Quase ninguém se toca de que isso também é reportagem.

O material que o Francisco enviou, pelo tamanho, está publicado na forma de um encarte, acompanhando esta edição.

Parabéns pelo livro sobre o José Ruy, um trabalho de fôlego.

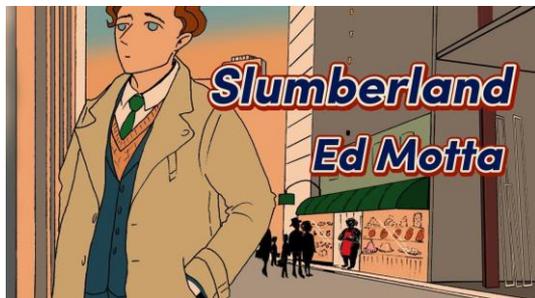
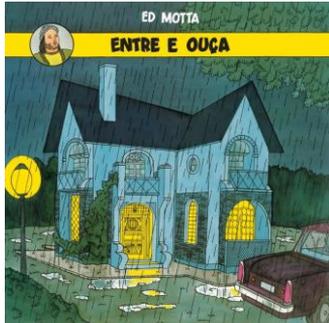
Essa questão se um cartoon isolado é ou não HQ é antiga. Obras como Dennis, o Pimentinha, Luluzinha, a Família Adams e O Amigo da Onça surgiram nesse formato. Na Wikipédia em inglês diz que existem os termos gag-a-day e gag cartoon, que seriam distintas. Há casos de cartoons serializados, como Marlene de Alpino, publicada principalmente em redes sociais. Ora ele publica uma piada única, ora publica uma história em sequência e depois publica compilados desses cartuns. Alpino já publicou em diversos lugares, como na **Playboy**, **Folha**, **Jornal do Brasil**. No blog do Luigi Rocco tem a tira Samanta, publicada no **Jornal do Brasil** que tinha um ou dois quadros.



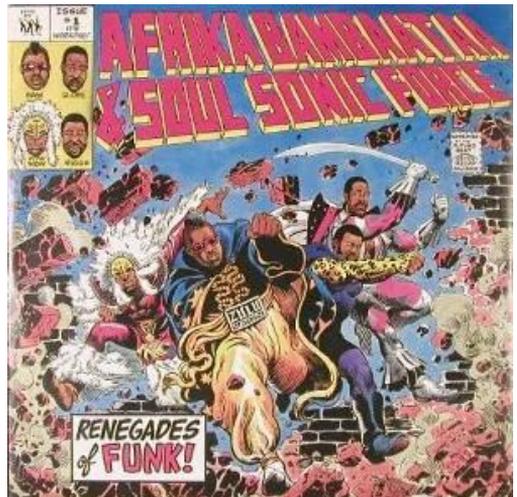
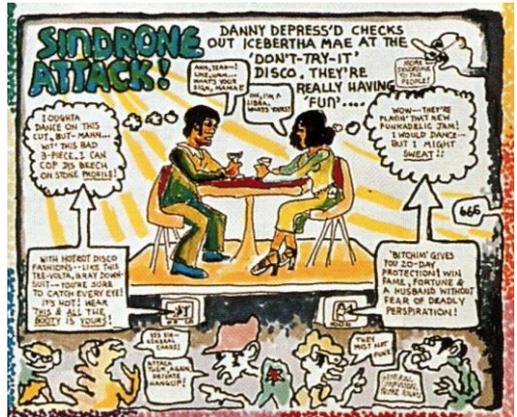
Talvez o exemplo mais significativo seja 'Frank & Ernest', que sempre teve 1 quadro e sempre publicado no espaço das tiras nos jornais. Mas não há nenhum problema em dar nomes diferentes a tipos específicos de histórias em quadrinhos.

Nunca tinha visto essa **Revista Ilustrada** descrita pelo Lio.

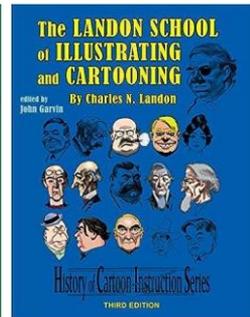
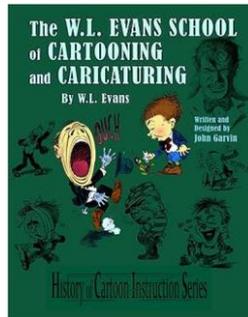
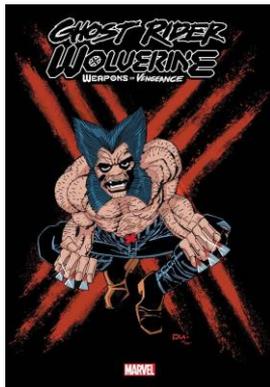
O cantor e compositor Ed Motta lançou um clipe de seu novo single, 'Slumberland', inspirado claramente no Little Nemo. O clipe usa ilustrações da esposa do Ed, a quadrinhista Edna Lopes. Ele sempre foi fã de quadrinhos, ele tem músicas como 'Um Contrato com Deus' e 'A Balada do Mar Salgado'. Ele concedeu uma entrevista ao PH no canal **Eurocomics** e já falou sobre quadrinhos no canal dele no vídeo Casa Salim Episódio 2 – Quadrinhos (Episode 2 – Comics). Em uma versão antiga do site dele, havia uma lista de quadrinhos, ele não curte super-heróis, mas lista **Watchmen** como uma das obras que curte. Ele até já falou de nacionais como as 'Aventuras do Anjo' por Flavio Colin e 'O Cabra' de Flavio Luiz Nogueira. O Ed também tem um histórico no fanzinato, num fanzine chamado **Curto Circuito**, escrevia sobre música negra. Nunca encontrei uma foto desse fanzine. Edna Lopes fez várias capas de álbuns dele, nitidamente inspiradas na linha clara franco-belga.



Falando em capas inspiradas em quadrinhos, a Comiclopedia da Lambiek lista artistas que utilizaram a linguagem dos quadrinhos em álbuns musicais. É o caso de Pedro Bell e Overton Lloyd, que fizeram capas para os álbuns das bandas Parliament e Funkadelic do George Clinton e Bob Camp, uma capa de Renegades of Funk de Afrika Bambaataa & Soul Sonic Force.



Recentemente, foi divulgada uma capa variante de autoria do Frank Miller. Há algum tempo, muitos dizem que Miller “não sabe mais desenhar”. Miller também divulgou um concept art de uma série de televisão do Corto Maltese. Miller irá atuar como criador, roteirista e produtor executivo da série. Ele de fato conhece a obra e até deu o nome de Corto Maltese para um país da América do Sul em **O Cavaleiro das Trevas**. Mais tarde, a DC incorporou o local na continuidade principal. Miller é conhecido pela narrativa cinematográfica, primeiro com influência do Will Eisner e depois de Goseki Kojima em **Lobo Solitário**. Ele até dirigiu um filme de *The Spirit* em 2008, que ficou com a mesma estética de **Sin City**. Ele cita Alberto Breccia como sua principal influência.



Mad Cave Studios, que adquiriu a Papercutz em 2022, anunciou que conseguiu a licença de Flash Gordon e que em 2024 irá publicar novas histórias, graphic novels e republicações.

Uma greve de roteiristas de cinema e TV dos Estados Unidos está em voga enquanto escrevo e uma de atores também. Desde os anos 1960 isso não acontece e desde 1980 os atores não entram em greve. Roteiristas reclamam de baixa remuneração, alguns alegam que nem receberam nada após reescreverem roteiros, inteligência artificial substituindo roteiristas. Quanto aos atores, diversas reclamações, como tentativa de estúdios de usarem imagens e até vozes de atores via inteligência artificial, hoje até casos de dublês replicados por IA, fora a redução de custos em efeitos visuais. Isso é algo que ainda vai gerar muitos debates.

Em 1981, Oliver Stone lançou o filme de terror **The Hand**, estrelado por Michael Caine, inspirado no livro **The Lizard's Tail** de Marc Brandel. No filme, Caine interpreta um quadrinhista, autor de uma tira chamada Mandro, que fica numa linha tênue entre Príncipe Valente e Conan. Para isso, Stone chamou Barry Windsor-Smith e o resultado ficou muito bom.



Nos anos 1990, vimos os artistas da Image, que eram imitados muito pelo sucesso, mas eles até trabalharam com Jack Kirby em ‘Phantom Force’ (aqui virou ‘Physical Force’). Isso me remeteu a alguns textos como ‘Kurumada desenha mal?’ no site **Jbox**, ‘O traço que é arte e o traço que não é arte: o estranho mundo de Fletcher Hanks’, e até mesmo um seu, ‘Reflexões sobre Histórias em Quadrinhos: O desenho inferior das histórias em quadrinhos’, suplemento do **QI 119**.

No caso do criador do Cavaleiros do Zodíaco, sabemos que mangás possuem uma quantidade absurda de páginas por mês (25 ou 30 por semana) e que muitos autores acabam sofrendo graves problemas de saúde. Sérgio Peixoto publicou no site **Animax** o texto ‘Sonha Desenhar Mangá no Japão (ou no Brasil)? Pense Duas Vezes!’

Num texto de seu antigo blog **Maximum Cosmo** intitulado ‘De Faroeste, Fumettis e Mangás’, o Alexandre Lancaster (ex-colunista do site **Anime Pro** e da revista **Neo Tokyo**) diz que Kurumada compensa na narrativa. Segue um arquivo do blog https://web.archive.org/web/20111116163839/http://interney.net:80/blogs/maximumcosmo/2011/09/27/de_faroestes_fumettis_e_mangas/

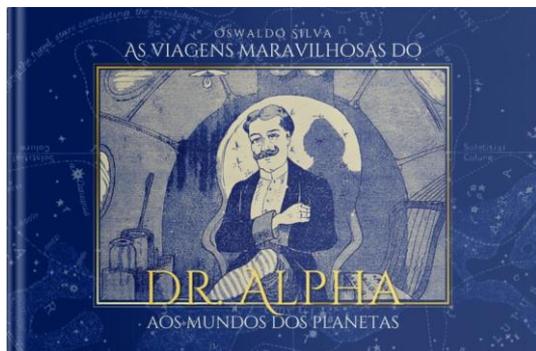
Eu já pensava que o Fletcher Hanks fosse autodidata e portanto naif, mas ele fez o curso cartoon por correspondência de W.L. Evans. Evans tinha como concorrente Charles N. Landon. Achei livros dos dois editados por John Garvin em 2021. No de Evans, diz que alguns de seus alunos foram E.C. Segar (Popeye), Chester Gould (Dick Tracy), Hank Ketcham (Dennis), Lank Leonard (Mickey Finn), Ward Kimball (animador da Disney), Norman Bel Geddes (designer industrial), William Nolan (animador) e Dean Cornwall (ilustrador). Já o de Landon diz: Carl Barks (Pato Donald e Tio Patinhas), Floyd Gottfredson (Mickey Mouse), Roy Crane (Wash Tubbs e Buz Sawyer), Milton Caniff (Terry e os Piratas) e Jack Cole (Homem-Borracha). Fica a questão, o traço diferente seria por conta do prazo ou estética? Ou as duas coisas?



O suplemento ‘Não Ficção’ do Fábio Sales fala bastante sobre jornalismo em quadrinhos, mas o tema pode ser expandido para outras HQs: biográficas, autobiográficas (embora nem sempre o narrador seja confiável) e históricas. Anteriormente falamos sobre **Invasão de Tarawa** publicada pela Ebal. O blog **Agacheretro** do Francisco Dourado tem exemplos de protótipos em 19 e 20 que seriam reportagens. O blog **História em ensino sem fronteiras** da professora Natania Nogueira tem o texto ‘Oreste Acquerone Filho e o jornalismo esportivo em quadrinhos’, com quadrinhos de 1928. Ela cita também Henfil e Messias de Mello. Lembrei de ‘Coisas do Futebol’ na **Folha** (1964). Segundo o **Tiras Memory** do Luigi Rocco, tinha textos de Maurício de Sousa, Luís Hamasaki, Nestor e Terra, desenhos de Júlio Shimamoto, Carlos Edgard Herrero e Wilson Fernandes.

Ao menos no Brasil, 13 de julho é o Dia Mundial do Rock. Em um post do blog, fiz um fluxograma sobre a genealogia e os subgêneros do rock, em outro, falo sobre artistas negros pouco conhecidos. <https://quadripop.blogspot.com/2022/10/genealogia-do-rock.html> e <https://quadripop.blogspot.com/2018/11/roqueiros-negros-pouco-conhecidos.html>.

Alguns projetos interessantes de financiamento coletivo. Após encontrarem todos os capítulos, as editoras Minna e Mamakoosa lançaram a campanha de **As Viagens Maravilhosas do Dr. Alpha aos Mundos dos Planetas**. Eles optaram por um formato horizontal.



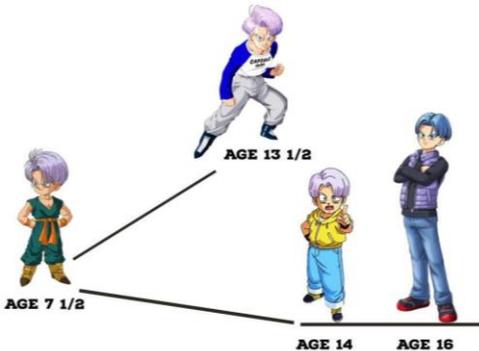
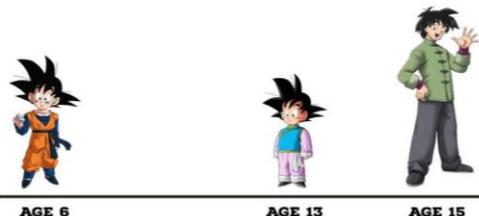
Depois do Sketchbook, Rodinério da Rosa lançou o Artbook do Shimamoto. **Cisco Kid** de José Luiz Salinas pela Super-X de Francisco Ucha e Toni Rodrigues. Curiosamente Cisco surgiu como um vilão e virou herói nos cinemas e depois nos quadrinhos. As tiras de Cisco Kid foram restauradas por Manuel Caldas.

Ofeliano de Almeida anunciou um financiamento de um integral do Leão Negro pela Go! Comics e Mandrake Books.

A Clio Editora tentou financiar 'O Homem Infernal', uma HQ por Cícero Valladares e Oswaldo Storny, publicada em **O Tico-Tico** em 1937, mas não conseguiu. Agora promete Max Muller de Augusto Rocha, publicado na revista em 1913/16.

É muito difícil acompanhar todos os financiamentos, alguns são listados pelo Adalberto Bernardino no fanzine **Múltiplo**. Além do Catarse, existem os sites Kickante, Apoia.se e Vakinha. Cássius Heron Rodrigues, professor de português nas redes municipal e estadual em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul, tem um projeto de gibiteca itinerante, a GIBIBlioteca. Ele também faz palestras sobre quadrinhos e fanzines. Mais sobre no blog: <https://gibiblioteca.blogspot.com>

Muitos desenhistas de supers costumam falhar quando tentam desenhar crianças, eis exemplos de John Byrne e John Romita Jr. Talvez por desenharem muitas vezes adultos ou então por não terem estudado anatomia de fato e muitas vezes copiarem de revistas que leram. Creio que artistas mais cartunescos obtêm um resultado melhor. Em **Dragon Ball**, o Akira Toriyama era inconsistente ao mostrar o crescimento do Son Goku (ele só cresceu de verdade quando se tornou um adulto), o que se refletiu na versão animada. No caso dos filhos de Goku, ele passou a tentar alguma coerência. Son Goku de 15 anos e seu filho Gohan com 16. Mas aí veio **Dragon Ball Super** (ilustrado pelo Toyotaro) e também não parece fazer sentido. Goten (filho de Goku) e Trunks (filho de Vegeta) parecem ter diminuído, depois aparecem mais velhos numa passagem de tempo.



Acabei lembrando de uma capa feita pelo Joe Kubert, todo personagem que ele não domina, fica estranho. E lembrei dessa arte de Frank Cho da Lady Fantasma com o Gasparzinho.

Sobre o criador de Cavaleiros do Zodíaco, ele é um dos vários autores com personagens com idades que não aparentam, os personagens principais são adolescentes e não parecem, mas o cúmulo é o Ikki, carregando o seu irmão quando bebê, já que a diferença de idade é apenas 2 anos.



O inglês William Haselden previu o telefone celular numa tira publicada em 1919 no **Daily Mirror**. O americano H. T. Webster previu as IAs de criação de desenhos num cartum de 1923 publicado no **New York World** e ainda diz que seriam em 2023.



As (capas das) revistas Bloch eram pintadas por cima, algumas até tem como ver a assinatura do Boris Vallejo.

Não lembro se você já publicou, seguem umas artes de Natal de autoria de Milton Caniff.

<https://www.cbr.com/milton-caniff-terry-pirates-christmas-comics/>



Em junho, o Disney+ lançou um documentário sobre Stan Lee. O filme causou controvérsia. Para muitos, o documentário foi parcial, colocando Stan Lee como o grande criador e os ilustradores apenas seguiram suas ideias. Isso é uma questão antiga, devido ao chamado "Método Marvel" ser feito em colaboração, muitas vezes. Lee passava uma sinopse e os artistas criavam a partir disso e ele depois colocava os diálogos. Eu penso que isso é similar ao cinema, há artistas responsáveis pela criação de roupas, design de personagens, storyboards (se for animação, o artista de storyboard pode influenciar o estilo da animação), o plot, roteiro, etc... mas muitas vezes o diretor leva os louros. O chamado "Método Marvel" não foi algo realmente novo. Em uma história onde o Tocha Humana e o Namor se encontram, seus criadores Carl Burgos e Bill Everett criaram a história em conjunto. Na EC, havia um método similar, atribuído ao William Gaines. Uma sinopse era mandada aos desenhistas, que criavam os quadros. Depois era colocado o diálogo e o desenhista fazia as páginas. Na mesma EC, Harvey Kurtzman esboçava e colocava os textos, depois o quadrinhista (que também era um roteirista) fazia as páginas. Jack Kirby em suas criações próprias (Kamandi, OMAC, Quarto Mundo) tinha muitas ideias, mas a execução tinha problemas. Numa live no canal Mundo Gozo, Jotapê Martins e Pedro Bouça comentam que há um certo exagero em dizer que Stan Lee não fazia nada. O fato de ser um documentário da empresa acaba sendo parcial. Em tempo, há um texto do Pedro Bouça no Omelete intitulado 'A Criação do Homem-Aranha nos Quadrinhos'.

<https://www.omelete.com.br/homem-aranha/homem-aranha/a-criacao-do-homem-aranha>

A Editora Criativo se firma como uma das editoras mais ecléticas, publica livros teóricos de técnicas de desenho e acadêmicos, artbooks, sketchbooks e resgates de quadrinhos brasileiros.

<https://www.criativostore.com.br/>



Uma outra editora que também tem bastante livros teóricos é a Noir, fundada por André Hernandez e Gonçalo Júnior.

<https://www.editoranoir.com.br/>

O texto de Pedro José Rosa de Oliveira fala do **Correio Universal**. Ele também tinha um suplemento chamado **Aladim**. (Um anúncio de assinatura publicado no jornal **A Razão** de 31 de outubro de 1936 diz que a seção infantil **Aladim**, de 8 páginas, com direção de Malba Tahan, só seria enviado aos assinantes de **Correio Universal**, que era suplemento de vários jornais).



Havia até concurso de crianças vestidas de Aladim (o **Diário de Notícias** de 19 de fevereiro de 1936 anuncia um concurso de fantasias numa matinê de Carnaval, com prêmios para meninos e meninas com as melhores fantasias de Aladim. Outra reportagem, em **A Nação** de 5 de janeiro de 1936 anuncia uma festa no Cinema Broadway para entrega de prêmios do Concurso de Aladim).

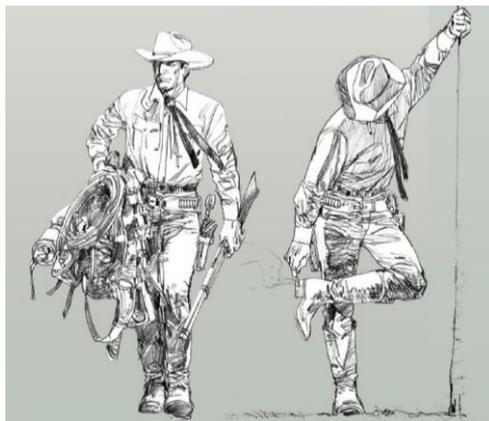
Hélio do Soveral fez uma tira chamada 'O Mistério da Casa de Campo', que ainda não foi encontrada pelo Leonardo Nahoum.

Quando escrevi sobre Fletcher Hanks, esqueci de mencionar que Hanks fez parte do estúdio de Eisner & Iger, que teve artistas como Jack Kirby, Bob Kane, Mort Meskin, Lou Fine, Bernard Bailey, Dick Briefer, Bob Powell e Toni Blum. Eisner comparava o estilo de Hanks com os primeiros de Basil Wolverton.

Procurados: o Faroste de Homobono & Lucchetti por Francisco Ucha no Catarse.

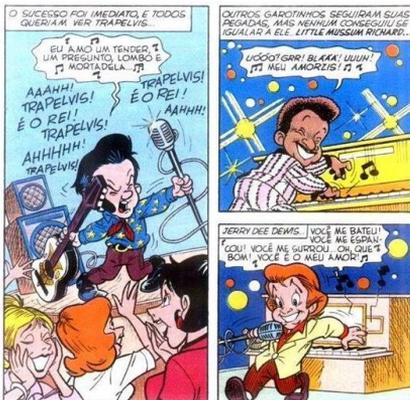


Pedro Mauro Moreno irá desenhar Tex, anúncio feito durante o Gibi SP Festival.



O podcast do **Universo HQ** entrevistou o Hélio de Carvalho. Atualmente há muitos eventos de quadrinhos e cultura pop e não é raro alguns acontecerem na mesma época (mesmo em época de Bienais do Livro). O Sidney Gusman já sugeriu um calendário de eventos como existe lá fora. Teve quem tentasse mapear, como o quadrinhista Rapha Pinheiro. No Facebook, o Rynaldo Papoy criou um grupo chamado 'Divulgação eventos de quadrinhos, anime e games' e me colocou como um dos administradores.

Em 2019, foi instituído em São Paulo, o Elvis Presley Day e o Dia Internacional do Rockabilly, como o dia 16 de agosto, data da morte do Elvis. Em **As Aventuras dos Trapalhães** nº 47 (agosto de 1993) foi publicada a história 'Trapelvis, o Rei do Rock'. Nos créditos diz que o roteiro é do Gerson Teixeira, desenhos de Rogério Soud e arte-final de Jaime Podavin, mas, segundo Nobu Chinen, o roteiro era do Primaggio, que não podia assinar por ter um cargo de chefia. Em **Zé Carioca** nºs 2065 e 2066 (dezembro de 1996) foram publicadas as histórias 'Os Incríveis Anos 50' e 'De Volta aos Anos 50'. O Zé Carioca aparece como Zé Halley, uma alusão ao Bill Halley. O roteiro não foi creditado e os desenhos são de Aluir Amâncio. O equivalente ao Elvis não foi nomeado e o equivalente ao Carl Perkins é chamado de Carl Gonzaga, uma alusão ao cantor Carlo Gonzaga, apontado como um dos pioneiros do rock no Brasil e que faleceu no dia 25 de agosto aos 99 anos em Velletri, Itália.



MARCOS FREITAS
atomiceditora@gmail.com

Recebi aqui o novo **QI**, maravilha como sempre. Confesso que ando lendo na Marca de Fantasia, pois estou cada vez mais Mr. Magoo. Adorei demais, especialmente as pesquisas e as sacadas suas e de seus colaboradores com revistas clássicas que fizeram a história das HQs no Brasil. Me surpreendo sempre com esse resgate! Ademais, as mensagens dos leitores e as novidades dos alternativos sempre são bússolas para quem curte a discussão e o conhecimento amplo deste meio. Seu zine continua sendo único e é uma ponte para os anos 1980, época do boom dos zines.

Vou fazer um encarte divulgando aqui as nossas novidades. A principal é a saída e entrega da campanha do **Zé Gatão**. Não é novidade que tivemos um bom preju nesta campanha. Mas agora, vendo a edição impressa e o nível do trabalho que apresentamos aos felizardos 50 leitores que vão ter acesso ao álbum e ao extra **Pinturas de Guerra**, só temos a comemorar.

Ainda restam 10 exemplares para venda. Assinantes do **QI** podem comprar com 30% de desconto. Aproveito para dizer que vou te mandar um pacote **Licanarquia** para sortear entre seus leitores.

Evoluindo aqui para nosso projeto, a volta de **Superficação**. Fechamos a participação de mais um peso pesado dos quadrinhos no time que já tinha Ofeliano. Quem será? Em breve no Catarse, em campanha inédita, previamente impressa e com tiragem limitada.

Nova aventura de Zé Gatão em 200 páginas cheias de ação!

Escrito e desenhado por EDUARDO SCHLESSEN

Formato 20x28
Capa color Cores 200g
Miolo pH Cores 90g laminação
Schrank individual

PREÇO GRÁTIS
TIRAGEM LIMITADA

Combo Zé Gatão Straco e Pintura de Guerra R\$ 125,00

ATOMIC
atomiceditora@gmail.com

Divulgação enviada por Denilson Rosa dos Reis.

Catálogo 2022 Tchazine

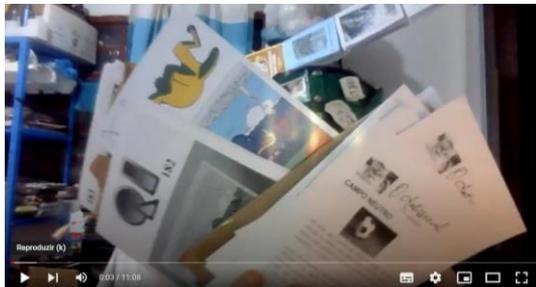
R\$ 10 R\$ 10 R\$ 10 R\$ 10 R\$ 5

R\$ 40 R\$ 40 R\$ 5 R\$ 10 R\$ 10

tchedenilson@gmail.com - @tchazine

FRANCISCO FILARDI
intervalo.rj@gmail.com

Recebi o **QI** 183 e seus magníficos encartes. Muito agradecido. Hoje, vi o programa do Gazy, com comentários sobre o **QI** e também sobre meus fanzines. Veja: <https://youtu.be/4X6ggq8IL5U>



HENRIQUE MAGALHÃES
marcadefantasia@gmail.com

Acho boa ideia que você mande o livro sobre José Ruy aos seus contatos portugueses. Só conheço Rui Brito e já mandei, ele ficou muito surpreso com o livro, espero que ele goste.

Edgar Franco achou lindo o trabalho e nos mandou os parabéns. Thina Curtis também ficou muito entusiasmada e disse que iria mandar para os contatos dela em Portugal. Alberto Pessoa elogiou.

Será ótimo se pudermos ter o livro disponível no BloguedeBD, quanto mais circular, melhor. Proponha ao editor, é uma oportunidade de fazermos uma parceria. Não sei se isso atrapalha para termos uma edição impressa. Se for possível conseguir com algum órgão oficial, creio que não atrapalha.

Embora eu deseje – e vou tentar –, não espero muito que venhamos a ter a edição impressa. Talvez fosse o caso de tentarmos a embaixada portuguesa no Brasil. Eles têm uma rubrica para divulgação da cultura portuguesa, é preciso ver se há edital e o prazo.

Bom saber que já tem gente gostando do livro. Em relação a uma versão impressa, concordo com o que você havia dito antes, já fizemos a nossa parte em ter colocado a edição digital disponível. Um correspondente português deu a dica de entrar em contato com a Câmara de Amadora e o Clube Português de Banda Desenhada. Em parte já fiz isso, ao avisar o Carlos Gonçalves, que é do CPBD. Daí para frente é com eles. Se tiverem interesse e houver a possibilidade, o material está disponível. Um tempo atrás, quando eu estava publicando o 'Mundo Feliz' no "QI", o Roberto Guedes me telefonou e falou que o material podia interessar a alguma editora, para eu tentar contactar alguma, e depois de um pouco de conversa, ele mesmo matou a charada me dizendo: "Você não tem mais paciência com editor, né?" É isso mesmo, para mim está muito bom essa vida de fazer as edições, eu mesmo imprimir um tanto para quem gosta de papel e você divulgando as versões digitais sem burocracia, na base da camaradagem.

Você lembrou bem a embaixada portuguesa, mas a hora que você falou "edital", me deu até tonteira.

Entendo bem essa indisposição com editais e editores, eu também não tenho mais paciência para lidar com isso. Fazer as edições digitais – apesar de sentir falta das impressas – resolveu tudo para mim. Não tenho mais aborrecimento com impressoras, não me canso fazendo a montagem manual, não tenho que vender e muito menos ser explorado pelos Correios. Gosto muito de fazer quebra-cabeças e a diagramação dos livros é algo assim. Portanto, faço já o que gosto e sei que estamos contribuindo para a cultura do meio.

Se os editores portugueses tiveram interesse nesse belo livro – que é uma homenagem a José Ruy – eles podem fazer a edição impressa. Mas há a possibilidade de eles mesmos terem o projeto deles para isso.

Sigamos produzindo com prazer.

RODOLFO BERTOLI
rodolfo_bertoli@yahoo.com.br

Passando para comentar a leitura do **QI** 183. Mais uma bela edição. Queria de antemão avisar que consegui falar com o José Salles e completei minha coleção de **Chico Spencer**. Também recebi o **Filmes Antigos** nº 31 editado por ele. Muito legal. Fico conhecendo muitos filmes que não fazia ideia.

Você está adiantado, o **QI** 183 já corresponde à penúltima edição do ano. Como passou! No próximo, você já vai mandar "Feliz Natal" tão cedo!

Parabéns aos colaboradores, muito produtivos os textos do Alex Sampaio, E. Figueiredo, Lio Guerra. Enfim, o "Fórum" muito bom. Imagina se todos os assinantes te mandassem comentários, teria que fazer o "Fórum" à parte.

Também muito interessantes os textos do Worney, realmente devo ser um péssimo leitor de Tex, não reparei nesse detalhe dos cachorros. Acho muito interessantes essas sacadas das histórias da Turma da Mônica, talvez fosse esse tipo de característica que me atraía nas revistinhas que tinha.

Muito interessante sua relação com a versão da Mônica. Pela capa imaginei que fosse ter alguma coisa a ver.

Muito legal o suplemento de José Azevedo e Menezes, assim como o "HQ Além dos Balões" com **Os Quadrinhos de Não Ficção**.

O Worney tem um olhar atento para as histórias de Tex. Neste último Maxi Tex, ele achou que falta página na história entre as páginas 240 e 241. Realmente, parece que dá um pulo, o Kit está nos fundos da casa dos bandidos e de repente já está de volta com os amigos. Ele escreveu à Mythos para saber se houve falha. Talvez o desenhista tenha perdido a paciência de desenhá-lo voltando.

LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA
luiz.otoko@yahoo.com.br

Recebi o **QI** 183, como sempre recheado de artes e informações. Destaco 'Maria' por Henrique Magalhães, 'Gibis Perdidos no Tempo' de Alex Sampaio, 'Revista Ilustrada' de Lio Guerra Bocorny e 'Maraiah' de Edgard! Quero mais uma vez agradecer as palavras de apoio e carinho dos nossos amigos. Gosto muito de colaborar com fanzine, lembrando que minha primeira contribuição foi em 2012.

Segunda-feira coloco no correio minha carta com as minhas tirinhas. No **QI** 183, nosso amigo Daniel Saks, muito simpático, sugeriu um compilado com minhas tirinhas! Seria possível? Como faríamos? Alguma sugestão?

É uma boa ideia fazer uma edição com suas tiras. De modo geral, os encartes trazem material inédito e têm um número pequeno de páginas, 4, 8, 12, no máximo 20, e raramente mais do que isso. Claro que o motivo é o custo de impressão. Quando tenho material para encartes maiores, então a solução é a edição digital. É o que tenho feito com o "PSIU" e várias outras edições, como você tem acompanhado pelo "QI". Neste último número divulguei três edições minhas que são somente digitais. Não tenho condições de fazê-las impressas, pelo tamanho e por serem coloridas. Então veja se interessa a você fazer uma edição digital com seu trabalho. Aí você seleciona o material, teria que fazer capa e contracapa e também um texto de apresentação. Poderia ser uma antologia do que saiu no "QI", mas o mais interessante é que seja uma edição de material inédito.

Tenho vários projetos, ideias, caso queira produzir um material de terror, para fazer um encarte de 8 páginas para distribuição no fanzine **QI**, quanto ficaria? Você tem essa disponibilidade?

Muito bom que tenha projetos em vista. Os encartes que tenho feito são todos por minha conta, não tem custo para os autores. Eu imprimo na quantidade exata dos leitores do "QI". Não tenho condições de fazer tiragens extras, caso fosse do interesse do autor. Mas nada impede que o autor, a partir do arquivo PDF, faça impressões por conta própria. Vamos seguir com a ideia.

RODINÉRIO DA ROSA
rodinerio@gmail.com

Brett será publicado na Itália dia 21 de setembro deste ano na revista **Skorpio** da editora Aurea por onde já passou nomes de peso como Enrique Breccia. **Skorpio** é semanal na Itália em formato grande. E o autor de Brett e editor, Rodinério da Rosa, também está trazendo sua primeira publicação estrangeira, a HQ **Freeman** de Gianluca Piredda, inédita no Brasil.

A campanha está prevista para ser lançada em nov/dez/2023. Será em formato álbum com 122 páginas em papel pólen. A série terá no Brasil 6 edições, englobando 2 episódios por livro, com possibilidade de bimestral ou trimestral dependendo da resposta dos leitores na campanha. **Freeman** está em seu 8º número na Itália um total de 12. É uma das HQs mais lidas atualmente na Europa.



ROD TIGRE
rodtigrerj@gmail.com

Saiu a HQ nova do **Comando Justiça** com argumento meu e arte do mestre Darlei Nunez. Pela primeira vez são contadas as origens de todos os heróis da equipe.

<http://darleinnunezhqs.blogspot.com/2023/08/novo-comando-justica-origens.html>

GAZY ANDRAUS
gazyandrus@ufg.br

Convocamos todos os fanzineiros, zineiros e faneditores brasileiros a inscreverem os seus (fan)zines no '1 Prêmio Nacional Ciberpajelações de Fanzines e Arteszines'. Confira os detalhes sobre inscrições no edital <http://ciberpaje.blogspot.com/2023/09/edital-i-premio-nacional.html>

Nessa primeira edição do prêmio o homenageado que dá nome ao Troféuzine de todas as categorias e receberá o 'Troféuzine de Mestre do Fanzine Nacional' é o notório pioneiro fanzineiro, faneditor e pesquisador de fanzines HENRIQUE MAGALHÃES. Ele foi escolhido por unanimidade pela comissão julgadora do prêmio. O envio dos (fan)zines impressos e do formulário de inscrição preenchido e impresso deverá ser realizado até o dia 1º de novembro de 2023 – valerá o carimbo do correio. O 1 Prêmio Nacional Ciberpajelações de Fanzines e Arteszines é uma ação de extensão do Grupo de Pesquisa @cria_ciber da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, coordenado pelo Prof. Dr. Edgar Franco (Ciberpajé). Todos os (fan)zines inscritos no prêmio integrarão a III Expozine – Exposição Internacional de Fanzines Ciberpajelações, que acontecerá durante o IV Festival de Artes Ciberpajelações, entre os dias 24 e 26 de novembro de 2023, em Goiânia. A cerimônia de entrega do prêmio acontecerá no dia 24 de novembro, a partir das 20h no Ruptura-Espaço Cultural, em Goiânia.



Livro recente para o qual elaborei um capítulo enfocando o início da carreira fanzineira de Alan Moore mais estudo de caso especial sobre a obra *A Small Killing* (de A. Moore e O. Zarate). Em breve a versão e-book à venda.



ANGELO MARTINS
angelomjuniior@yahoo.com.br

Estou lançando o meu livro de número 41. Este ano minha produção caiu muito, pois o meu trabalho como professor me toma a maior parte do meu tempo. **Dimensão do Delírio** chega ao nº 8.

Ano que vem ela chega aos dez anos da primeira publicação. Já planejei um especial comemorativo. Muitos planos na cabeça, mas pouco tempo para trabalhar neles. Planejo para 2025, um comemorativo dos 30 anos do **Almanaque de Araque**. Quem sabe eu o lance no CCXP daquele ano.

No mais, sempre comprando muitos quadrinhos (acabei de receber o **Incal**, **Viagem a Tulum**, entre outros).

PAULO JOUBERT ALVES
pjcinheq@gmail.com

QI 183 recebido. Não consegui tempo para ler, mas folheei, me agradando a lembrança do inigualável Paulo Caruso.

Aqui comemoro a liberação do envio de cartas para Argélia, onde tenho um correspondente, sem contato desde o início da pandemia.

O teu incrível e belo **QI** chegou para minha alegria. Obrigado mais uma vez pelo privilégio que é fazer parte da edição mostrando meu trabalho... queria poder fazer mais. Como os tempos continuam conturbados com minha vida profissional, fiz mais uma página com o Sorumbático que, se achar pertinente, pode aparecer no **QI** mais uma vez. Também continuo pensando na possibilidade de um livro sobre esse personagem, como já creio ter lhe dito em outro momento, mas falta fazer a HQ que explica muito sobre esse tristonho ser, pela visão de seus conhecidos. Quanto a sua edição do **QI**, que chegou rápido, devo mais uma vez enaltecer a participação do competente time que você reúne com propriedade, a exemplo do Worney Almeida de Souza, Pedro José Rosa de Oliveira, Luiz Lório, Henrique Magalhães, Mário Labate Santiago, Alex Sampaio (muito legal mostrar os plágios nas capas de revistas!), E. Figueiredo, Luiz Cláudio Faria, Lio Guerra Bocorny e os talentos que colaboram com o 'Fórum' e com os encartes, deixando o mundo mais antenado com informação, arte e cultura. Continuo lutando para vencer as adversidades que continuam me desafiando nas questões familiares e de trabalho, o que perturba muito os meus desejos de manter uma agenda livre para meus desenhos, poemas e quadrinhos, mas não é fácil o que venho enfrentando. No entanto, ainda com o aproveitamento das madrugadas de insônia, venho conseguindo gerar ilustrações significativas que acabei de compilar em mais um livro que publiquei no site da Amazon: **Desenhos Singelos**, com trabalhos que fiz usando apenas o mouse e o MS-Paint, acredite. A ideia surgiu em uma aula de ilustração digital que ministrava, quando um dia tive que usar um laboratório onde o Photoshop e o Ilustrator não estavam funcionando e, motivando os alunos a tentar utilizar o MS-Paint, vi que o preconceito era grande com esse aplicativo, daí fiz alguns desenhos que deixaram todos com a "boca aberta" e acabei me desafiando a sempre tentar gerar novas composições estéticas com esse empenho, que tenho publicado eventualmente nas redes sociais. Se puder divulgar, agradeço muito. Venho também continuando minhas pesquisas sobre o futuro editorial e, primordialmente, o aumento nos custos para o leitor que, ao meu ver, empurram o mercado de quadrinhos e de literatura para uma faixa de leitores cada vez mais privilegiada, já que os preços não param de subir e aqueles garotos (como já fomos) que juntavam suas moedas para se deleitar com os "gibis" já não podem mais sonhar com essa experiência, infelizmente.

DESENHOS SINGELOS
Ilustrações digitais feitas com o todo feito do colecionador



MANOEL DAMA

LANÇAMENTO!

"DESENHOS SINGELOS" é um livro digital e independente que reúne uma seleção de belas ilustrações feitas pelo quadrinista escritor e designer Manoel Dama a partir de diversas significações e temas trabalhados em formas e cores com o apoio do programa MS-Paint que, mesmo com sua aparente simplicidade, permitiu a criação de artes digitais com qualidade e determinação.

Você encontra a obra no site da Amazon por apenas R\$6,99. Compre, Leia e Divulgue!

www.amazon.com.br/dp/BOCGRV14MH

Este é meu informativo **Quadrinhos Brasil nº 1**, versão digital. Essa publicação será mensal e disponibilizada na versão digital e impressa. Para receber a versão digital, basta confirmar o recebimento deste (email acima). Para receber a versão impressa, basta entrar em contato por carta no endereço: Rua Antônio Ribeiro da Silva, nº 145 – Vila Maria – Marília – SP – 17527-561.

Conto com sua participação com envio de publicação própria para divulgação, artigos, ilustrações e outros que possam ser usados para enriquecer o próximo número. Gostaria de contar com seu apoio para alcançar mais leitores, se puder, divulgue essa publicação em suas redes sociais, envie a um amigo. Qualquer apoio é bem vindo.

Mais uma vez cá estou a acusar a recepção de um número do **QI**, neste caso o 183, recebendo dentro das datas e como convidado de honra. Sua publicação é fruto do trabalho de leitores do próprio Fanzine, além da sua preciosa ajuda e coordenação de todas as informações que vão sendo fornecidas pelos assinantes da publicação. Para que se fique a saber como funciona o mercado do colecionismo. Desde muito novo sempre apreciei uma bela revista aos Quadrinhos ou um Fanzine criado com cuidado e que se nos apresenta excelentes trabalhos, da autoria de jovens já com alguma potencialidade artística. Sabemos que terão os seus defeitos, mas a qualidade expressa nos desenhos é já fruto de um certo amadurecimento. Portanto a minha casa está cheia de papel até o teto. Colecionar e ler todas essas revistas levaram-me anos e desde muito novo, aos 10/11 anos, li **O Cavaleiro Andante, O Titã, O Flecha, O Mosquito** e um nunca mais acabar de juntar edições portuguesas e brasileiras, tendo atingido volumes de cerca de 50.000. Mas depois e ao longo dos anos somos levados a várias situações (espaço, insectos, trabalho para guardar o material sem o danificar aos longo dos anos), problemas familiares são uma constante (para que gastar esse dinheiro?), discussões, cedências de ambas as partes e chegamos a uma idade avançada o que nos limita no esforço de transportar e tratar de todo esse acervo e até de nos podermos conduzir (automóvel). Resultado, ficamos com mais um dilema... que fazer, uma Fundação, dar ou vender. Vender! Foi a minha opção, passei a outros a missão de colecionar e guardar o material aos interessados. Gostei muito e passei belos bocados, não me arrependo de nada. Tenho pena de não ter outra vida, para recordar como consegui esta ou aquela peça e voltar a ler todo esse belo manancial de revistas.

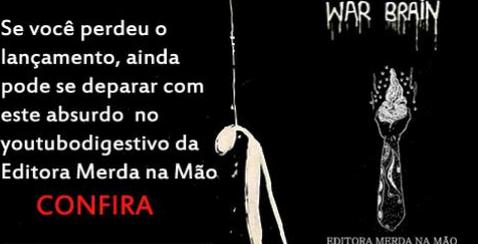
Muito bom o seu relato sobre o colecionismo, com uma mistura de praticidade e emoção.

Um leitor me enviou um recorte de jornal com uma matéria sobre o que os colecionadores vão fazer com suas coleções, ou o que será feito com suas coleções quando morrerem. Era uma matéria traduzida de algum jornal americano. Mas o enfoque da matéria era mercantilista (ou não seriam os EUA). A preocupação era que os herdeiros pudessem avaliar o que havia de valor e pudessem ganhar algum em cima da coleção. Resumindo, que o colecionador já separe aquilo que tem algum valor monetário para não dar trabalho aos herdeiros. Era esse o tom da matéria.

Contato: Fabio da Silva Barbosa – fsb1975@yahoo.com.br

Se você perdeu o lançamento, ainda pode se deparar com este absurdo no youtubodigestivo da Editora Merda na Mão

CONFIRA



WAR BRAIN

EDITORA MERDA NA MÃO

A DESTRUIÇÃO TOTAL DE TODAS AS CERTEZAS REDUZINDO AS CONVICÇÕES A MEROS ESCOMBROS

NOISE EXPERIMENTAL PERFORMATICO POÉTICO

Os homens vêm demonstrando mais atenção com a saúde, embora ainda numa proporção bem menor que as mulheres. Mas, o público masculino tem quebrado tabus na busca sobre tratamentos como a disfunção erétil. O grande pavor! Com certeza tem mulher por detrás disso. Ora, se tem.

Tal disfunção pode ser um sinal de doenças crônicas, problemas circulatórios, neurológicos e anatômicos, ser induzida pelo uso de medicamentos e drogas, ou estar relacionada a problemas psicológicos, afetando a qualidade de vida dos pacientes e de suas parceiras.

Na maioria dos casos, as doenças associadas à disfunção erétil podem ser controladas e tratadas. Manter atividade física regular, evitar consumo de tabaco, álcool e drogas ilícitas, além de alimentar-se de forma saudável. É de fundamental importância manter a atenção para sintomas que podem indicar que algo não vai bem. Ao aparecerem os primeiros sinais é preciso superar os obstáculos e preconceitos e buscar ajuda médica.

A celebração do Dia Nacional e Internacional do Homem tem o objetivo de conscientizar a população masculina sobre os cuidados com a saúde e alertar que a prevenção ainda é a principal aliada para ajudar no diagnóstico precoce de doenças ou qualquer disfunção.

É importante criar uma relação de confiança com o urologista e tê-lo como referência médica ao longo da vida. Tal médico vai esclarecer dúvidas e realizar exames para rastreamento de doenças prevalentes. Dessa forma, poderá incentivar os homens a criarem uma relação sem tabus.

Portanto, não é um dedo anular revestido de luva e untado que irá fazer o homem menos homem. Pelo contrário. Então, para que essa cara fechada? Faça de conta que está tranquilo, dê um sorrisinho e relaxe. Porém não é preciso demonstrar satisfação e nem correr para o abraço.

A graça faz parte do contexto.

Quanto a política, o país nunca teve um plano de nação e enquanto tivermos esse regime presidencialista de coalizão, isto é, de toma lá, dá cá, viveremos numa botocúndia fétida, paternalista, corrupta. Se por vezes fezes fossem armas, ganharíamos qualquer guerra.

Cacos retóricos, moralidade hipócrita de quem quer que seja, são excelentes como recurso moral, mas são nulos como efeito prático. Assim, seremos diferentes de fato e de direito, à margem da sociedade. Até porque “não basta que todos sejam iguais perante a lei. É preciso que a lei seja igual perante todos” (Salvador Alende). O que fazer? Se indignar ou resignar?



A edição nº 84 do **Múltiplo** está no ar. Baixe o seu PDF hoje mesmo. Amanhã teremos no Clube de Autores o impresso!

Esta edição é mais do que especial, pois marca a edição de 7 anos de publicação ininterrupta do **Múltiplo**. Mais uma vitória de todos nós! E para comemorar esse momento tão especial, trago uma novidade: o suplemento **Legendas HQ!**, com 6 fanzines brasileiros unidos para editar mais este fanzine. A edição de **Legendas HQ!** será trimestral. Baixem os dois fanzines:

<https://www.facebook.com/groups/410201319362851/files/files>

André Carim está relançando a revista “Legendas HQ!”, que teve um primeiro número impresso em 2018. A revista era uma associação dos editores dos fanzines “Quadrinhos”, “Tchê”, “Cabal” e “Múltiplo”. Agora a revista volta no formato digital, mas também disponível impressa pelo Clube de Autores. Continua um trabalho coletivo dos editores mencionados, com a inclusão dos editores de “Profecia” e do “QI”.



Colecionador de quadrinhos, quando vi essa matéria na **Folha Ilustrada**, 16/06/2011: “Johnny Furacão” lançada por Roberto e Erasmo Carlos em 1969 inspira HQ do artista plástico Eduardo Filipe Sama) recortei e arqueei como encarte dentro do único disco do Rei que eu tinha. Já estava desencanado de conseguir o tal gibi, com a adaptação da canção, quando o amigo Seabra disponibilizou para venda a edição lacrada da HQ. Colecionador de vinil, agora só falta conseguir o LP com a canção original.



E. FIGUEIREDO
efig2005@gmail.com

Agradeço a inserção da crônica ‘Teorema de Pitágoras’. Muito interessante o encarte ‘Quadrinhos de Não Ficção’ do confrade Fábio Sales! Para sua apreciação, estou anexando a crônica ‘Felicidade’.

JOSÉ MENEZES
azevmen@hotmail.com

Tenho estado ausente de Lisboa, só ontem regressi e pude apreciar o caderno sobre Arcindo. Ficou excelente e bem impresso. Obrigado.

WILSON SOUZA
wilson.souza@uol.com.br

O famigerado nº 22, que produzi faz meses e o meu designer está restaurando, tem basicamente apenas uma história, que usa quase todas as 48 páginas da edição. Será a reprise daquele **Álbum da Gazetinha 3**, com o Audaz, do Aruom e Messias de Mello. Esta edição está demorando um bocadinho pois é basicamente um trabalho de restauração e leva tempo. Será a primeira vez que usarei um material nacional e que, pelo que sei, depois desse álbum, que já era uma reprise das pranchas de sábado, nunca foi reprisado. Fiquei em dúvida se você e o Dâmaso, ou o Barwinkel e especialmente o Cassal o haviam publicado. Enquanto ele parece fugir um pouco do que você e o Dâmaso fizeram e era muito longo para o Barwinkel, tenho dúvidas sobre o Cassal. Ele publicou umas edições bem obscuras, tão obscuras que, como tenho pouca coisa dele, nem sei se existem. Se souber algo e puder me informar, agradeço. De qualquer maneira, como a minha aquisição desse álbum foi o ímpeto final para eu voltar a fazer o **Alegoria**, pois conhecia alguns trabalhos do Messias por umas poucas edições de **A Gazetinha** que tinha conseguido ler, queria honrá-lo com isso, daí a minha paciência em vê-lo impresso. Se eu fosse contar o trabalho, esforço, custo, já tinha desistido. A minha cópia, da qual escaneei para o meu designer, já estava bem amarelada, a capa bem rabisçada e com muitos defeitos, mas achei que dava para usar. Saindo, já ficarei feliz e satisfeito com o que fiz até hoje.

Recentemente, um colega/fã me disse que ficou desapontado com o nº 19, que tinha o Namor e o Hydroman como capas. Ele esperava que ao menos aparecesse uma história do Namor, de quem gosta. Realmente, apesar da Panini não publicar nada antigo do Príncipe Submarino, aqui ele tem muitos fãs, assim como, descobri com o nº 20, tem o Capitão Marvel original. Entendi as reclamações, inclusive alguns gostariam que publicasse alguma daquelas histórias antigas do **Shazam** ou **Biriba** (década de 1950), mas, exceto pelo nº 17, onde usei material da DC meio na cara dura, se bem que aproveitei o recurso do Non Profit Journalistic Publication, tenho me afastado de material com copyright, ao menos o mais visível. Como fã, entendo a lógica dos colegas e um foi até bem franco em dizer que nem a Panini se interessa por isso e ele, fã, não tem como conseguir ver esse material. Até as suas republicações (os álbuns do Dâmaso), algumas já têm mais de 30 anos, portanto, inacessíveis e foram as primeiras em que pensei para atender esse tipo de fã. Eu mesmo, nesse momento, estou mexendo em uma história do Batman, a do **Detective Comics 500**, uma das grandes decepções que sinto que o fechamento da Ebal trouxe. A Ebal parou um pouco antes dessa edição sair, assim como poderia ter publicado os primeiros Novos Titãs e outros, mas por meses isso não aconteceu. Nunca gostei do que a Abril fez com o material, mas enfim, era o que tínhamos. Estou mexendo na história, mas daí a publicá-la...

Duas semanas atrás, houve um evento aqui, e que considero o melhor desde o fim da pandemia, pois tinha um bom público e principalmente quase todo tipo de material para os fãs de quadrinhos, ou seja, exibia coisas da Ebal, RGE, Bloch, Abril, La Selva, enfim, uma boa seleção para todos. Alguns preços podiam até estar extremamente salgados, mas ao menos tinha material, e o público saiu satisfeito. Como te disse antes, até do QI falamos e observei, não somente eu, que quase ninguém mais se interessa pelos “super-heróis atuais”, apenas os antigos.

Eu mesmo acabei achando umas publicações do José Sales, de setembro de 2021 e novembro de 2022, fanzines bem no estilo antigo e me surpreendi. O que quero dizer é que apesar de tentar apenas publicar material inédito ou pouco conhecido, reconheço que trazer esse material já publicado seria bom também. O Sales e outros têm feito isso. O meu problema é que, mesmo não alcançando um público tão grande, acho que os problemas com copyrights podem aparecer. Talvez seja preocupação demais para algo tão insular como fanzines.

HENRIQUE MAGALHÃES
henriquemais@gmail.com

Lendo o **QI 183**, que sempre nos traz uma enxurrada de informações e opiniões, as quais leio muito prazerosamente, deparo-me com a carta de Francisco Filardi, companheiro intrépido do fabuloso mundo dos fanzines. Em dado momento, o amigo reflete sobre algumas notas que publiquei na edição passada do **QI** a respeito de meu processo de produção e dos percalços por que passamos em nossas atividades.

Fico muito grato pela atenção de Filardi. Apesar de vivermos imersos em comunicação – talvez justamente por isso – quase nunca obtemos respostas as nossas falas, que se perdem no torvelinho das mensagens rápidas e banais que pululam na internet. Mas, entre fanzineiros a pegada é outra, e um conto puxa outro num encadeamento sem fim.

Sinto-me muito cansado das repetições. Da altura de meus 66 anos já vivi vários ciclos que me fazem temer que não avancamos muito, que estamos sempre dando voltas em círculo. Minha personagem ‘Maria’ é uma testemunha disso. Ao fazer as tiras em anos recentes, parecia que estava me remetendo ao período obscuro da ditadura militar, contra a qual lutei politicamente como estudante e como quadrinista nos jornais paraibanos.

Entre 2019 e 2022, a cada ano de tiras produzidas encontrava-me exausto, revivendo criticamente todo o horror de um retrocesso que parecia não ter fim. A frustração com o descaminho do país, a decepção em descobrir que grande parte da população tornava-se cúmplice de um período nebuloso, envergonhava-me ser brasileiro, mesmo tendo consciência que nem tudo era isso, que ainda era possível resistir, que o mal deliberado rumo sempre ao fracasso.

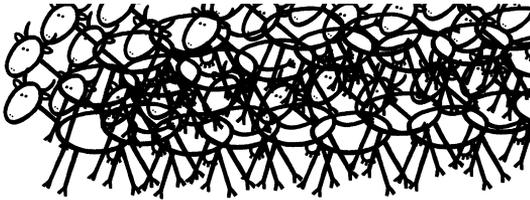
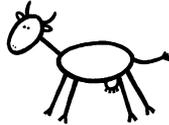
‘Maria’ continua viva, buscando outros caminhos, mais poéticos, mais reflexivos, eventualmente também políticos, pois tudo passa por esse arranjo social. Em 2025 ‘Maria’ fará 50 anos. Espero manter a verve criativa com essa minha pequena parceira de afeto e de vida. Parar de fazer ‘Maria’ seria calar-me, e isso está fora de questão. Fico feliz que ela represente não só minha visão de mundo, mas que seja porta-voz de “nossa indignação manifesta, nossa catarse contra tudo o que há de errado por aí”, como colocou Francisco Filardi em seu belo manifesto.

Divulgação enviada por **Denilson Rosa dos Reis**.



FUÇANDO À TOA

Ao diagramar o encarte com o material enviado por Fábio Sales, dedicado a Flavio Colin, distribuído junto com este **QI**, pude rever a grande obra deste artista inigualável. Uma das coisas notáveis nas páginas de Colin são as composições com amplos espaços repletos de gentes e animais, vaqueiros com suas manadas, tropas de mulas, exércitos se digladiando. Talvez o leitor que não seja desenhista veja estas cenas sem atentar para um detalhe: o trabalho que dá fazer uma cena assim. Faça um teste, pegue um papel e desenhe uma vaquinha. Pode ser uma vaquinha palito. Fez? Agora desenhe uma manada!



Tudo isso só para dizer que estava lendo o nº 48 da revista **Tex Willer** e logo nas primeiras páginas deparei com o quadrinho abaixo e me lembrei de Colin. Não pelo traço do desenhista, mas justamente pela composição da cena, dos soldados cuidando de uma manada de cavalos. Aproveito a deixa para mostrar alguma cenas de Colin, entre tantas que ele fez. Privilegiei as tropas de gado ou mulas e deixei de fora as grandes batalhas.



JOSÉ RUY

A ALMA LUSITANA EM QUADRINHOS

A editora Marca de Fantasia acaba de lançar o livro em formato digital **José Ruy – A Alma Lusitana em Quadrinhos**. Abaixo o texto de divulgação do livro no sítio www.marcadefantasia.com:

Em 23 de novembro de 2022 faleceu José Ruy. Correspondente e leitor do fanzine **QI** desde 2015, e para o qual cedeu vários de seus trabalhos, sua morte foi muito sentida. Tentei homenageá-lo com um texto sobre sua vida e obra, que resultou num encarte que acompanhou o nº 181 do **QI**. Ao ver esse trabalho, Henrique Magalhães se motivou a escrever para o sítio Marca de Fantasia o texto 'José Ruy: uma história de amor e dedicação às HQs', do qual retiro o trecho:

“O trabalho de José Ruy é um dos mais importantes testemunhos da qualidade da HQ portuguesa, que projetou-se inclusive em nível internacional. Dono de uma profusão de álbuns de caráter histórico e de aventuras, José Ruy é uma prova de que a formação humana de solidez cultural, o incrível talento para as artes gráficas e narrativas sequenciais fazem brotar uma obra consistente e fundamental, malgrado as dificuldades da cena.”

Henrique achou que o encarte merecia ser transformado em livro e ser editado pela Marca de Fantasia. Proposta aceita, parti do texto do encarte e acrescentei toda a informação que eu tinha e não pude colocar no encarte por limitação do espaço. Assim, o livro **José Ruy – A Alma Lusitana dos Quadrinhos** é uma nova obra, feita com as condições que não havia antes. Uma nova e renovada homenagem a José Ruy.

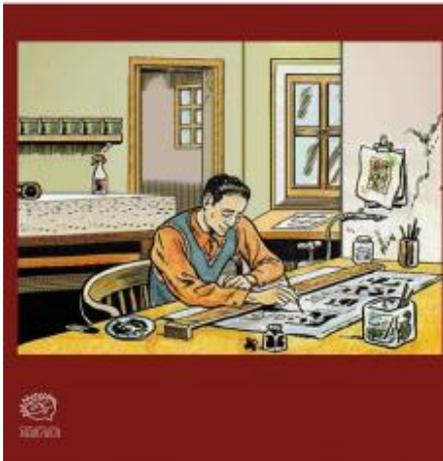
Reitero o que escrevi na quarta capa do livro:

Certamente é o autor português de Histórias em Quadrinhos com mais tempo dedicado a esta arte e com maior número de publicações do gênero. Nascido em 1930, iniciou-se profissionalmente já aos 14 anos e manteve-se em atividade constante até o último suspiro, aos 92 anos, totalizando quase 80 anos de carreira e cerca de uma centena de álbuns exclusivos com seu trabalho.

JOSÉ RUY

A ALMA LUSITANA EM QUADRINHOS

EDGARD GUIMARÃES



PITAQUINHO

Na revista **Terror Negro** nº 4, Daniel Saks publicou um texto sobre a atitude de alguns editores independentes de publicarem material que não está em domínio público. Um texto muito bom, sobre o qual eu fiz alguns comentários enviados ao Daniel. Como é um tema que pode gerar debates, reproduzo a seguir.

“Gostei de sua opinião na penúltima página. Valorizo sua atitude como editor, não tenha dúvida. Mas como sou fanzineiro de carteirinha, quero fazer um comentário. O editor de fanzine não respeita direitos autorais não é porque é bonito ser pirata, corsário, bucaneiro (tem uns que acham isso), mas porque é fã e quer que outros aproveitem aquilo a que teve acesso, por isso publica. Houve um processo contra pequenos editores na Itália algumas décadas atrás e a corte de lá decidiu que publicações de até 500 exemplares não tinham que pagar direitos autorais. Ou seja, um número bem superior às tiragens dos editores daqui.”

“Acontece que a parte gráfica evoluiu muito e hoje é possível fazer um fanzine com toda a cara de revista profissional. Às vezes com cara muito melhor, porque as revistas profissionais de banca nunca foram lá grande coisa em termos de qualidade gráfica. Mas não deixam de ser fanzines. Aliás, em grande parte o Catarse é um “croufundi” de fanzines, a despeito da produção gráfica das edições. Muitas campanhas se encerram com 30, 50, no máximo 100 apoiadores.”

Cabe aqui uma observação em relação a várias obras financiadas no Catarse. Quando se trata de edição com trabalho de outros autores, que não esteja em domínio público, supõe-se que haja pagamento de direito autoral. Na especificação do orçamento, isso não é detalhado. Supondo o valor padrão de 10% de direito autoral, recentemente houve um livro da Bonelli com 80 apoiadores a um preço de R\$ 50,00, o que dá R\$ 400,00 de direito autoral. A Bonelli está fechando um acordo de edição por este valor?

SAIU PSIU 9

O nono número de **PSIU** está disponível no formato digital no sítio www.marcadefantasia.com, na página EGO/QI.

Traz trabalhos de Luiz Iório, Marcelo Rodrigues, Fernando Marques, E. C. Nickel, Sergio Más, Wellington Santos, Samicler Gonçalves e mais páginas de J. Carlos tiradas de **O Tico-Tico**.



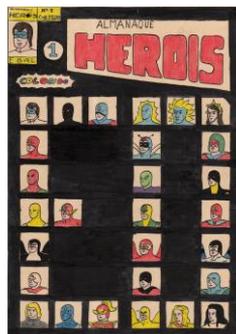
PITAQUINHO

Quando vi a capa de **Tex** nº 640, de autoria de C. Villa, logo lembrei da famosa ilustração de Hal Foster na página 53 de Príncipe Valente, de 12/2/1938. Mas na própria revista, e nos números seguintes, é explicado que a capa faz referência a uma cena do filme **Bedlam**, produção de Val Lewton de 1946, cujo tema é o hospital psiquiátrico londrino chamado Bedlam, cujo nome é usado para uma ala do hospital psiquiátrico dessa história de Tex. E que a cena do filme talvez tenha sido inspirada no quadrinho de Foster. A Bonelli já havia publicado um número de **Mágico Vento** cuja capa também trazia imagem parecida. Mas o mais curioso é que a capa de **Tex**, referências a parte, não tem a ver com nenhuma cena da história. A ala dos loucos perigosos na história não é uma cela comum com grades mas celas individuais com porta fechada. E Tex em nenhum momento entra nessa ala. Capas de revistas não representarem cenas da história interna não é coisa rara. Táí mais uma.



2 COISAS

Dois comentários rápidos. Numa edição anterior, o Rod Tigre falou de seu gosto por super-heróis criados na infância. Mencionei que também tive minha fase de criação de super-heróis. Mostro abaixo uma capa que fiz imitando edições da Ebal, e o curioso é que eu não tinha ao menos uma HQ completa com algum desses heróis. A segunda imagem é uma capa provisória de um álbum que o Dario Chaves está organizando com produção de artistas nacionais. Enviei a ele uma HQ que eu pretendia publicar aqui no **QI**.



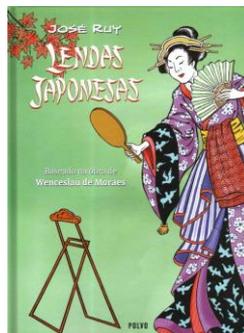
ARTE SEQUENCIAL BRASILEIRA



DOIS TENTÁCULOS

Finalmente a editora portuguesa Polvo lançou o livro **Lendas Japonesas**, que José Ruy havia deixado pronto antes de seu falecimento em novembro de 2022. Um belo álbum colorido, com o trabalho de José Ruy em plena forma. O observador atento verá que a capa teve pequenas modificações em relação à que foi anunciada e que reproduzi no livro que fiz sobre o autor.

A editora Polvo lançou também o livro **O Terror Negro**, com as HQs curtas de Jayme Cortez. Este volume traz as mesmas HQs de **Fronteiras do Além**, publicado pela Pipoca&Nanquim em 2020.



UPS!

No **QI 182**, eu fiz um desafio aos leitores para descobrirem quem era a figura abaixo. Como ninguém deu pelotas, acabei me esquecendo e nem voltei ao assunto no **QI 183**. Agora que me dei conta que a pergunta ficou sem resposta. Ainda que não seja do interesse de ninguém, o sujeito aí é o Gargamel, logo depois de ter feito um feitiço que o transformou em Strunf, em 'O Falso Strunf'. Norem que o feitiço teve uma falha, ele está sem o pitoco na bunda.



EDIÇÕES INDEPENDENTES

QUADRINHOS

ALEGORIA * HQs de Jack Kirby e Joe Simon, Steve Ditko, Dick Briefer, Frank Frazetta, ilustrações, textos, etc. * n° 16 * jul/2023 * 36 pág. * 210x280mm * capa color. * R\$ 27,00 + porte * **Wilson Costa de Souza** – wilson.souza@uol.com.br.

ALEGORIA * HQs de Fred Kida, Dick Giordano, Ty Templeton, John Byrne, Winsor McCay, ilustrações, textos, etc. * n° 17 * ago/2023 * 48 pág. * 210x280mm * color. * R\$ 37,00 + porte * **Wilson Costa de Souza** – wilson.souza@uol.com.br.

ALEGORIA * HQs de Frank Frazetta, Jack Kirby, Eric Stanton, Wally Wood, Alex Toth, Jim Lee, ilustrações, textos, etc. * n° 18 * set/2023 * 42 pág. * 210x280mm * capa color. * R\$ 28,00 + porte * **Wilson Costa de Souza** – wilson.souza@uol.com.br.



ALEGORIA * HQs de Bill Everett, Basil Wolverton, Joe Simon e Jack Kirby, Gene Colan, ilustrações, textos, etc. * n° 19 * out/2023 * 44 pág. * 210x280mm * capa color. * R\$ 28,00 + porte * **Wilson Costa de Souza** – wilson.souza@uol.com.br.

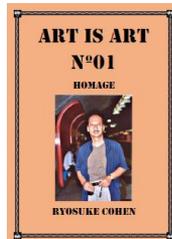
ALEGORIA * HQs de Joe Simon, Jack Kirby e Dick Briefer, Wallace Wood, Alex Toth e Mike Peppe, Pete Millar e Russ Manning, George Roussos, ilustrações, textos, etc. * n° 20 * nov/2023 * 44 pág. * 210x280mm * capa color. * R\$ 28,00 + porte * **Wilson Costa de Souza** – wilson.souza@uol.com.br.

ALEGORIA * HQs de Joe Simon e Jack Kirby, Walt Kelly, Wallace Wood, Alex Toth e Mike Peppe, ilustrações, textos, etc. * n° 21 * dez/2023 * 44 pág. * 210x280mm * capa color. * R\$ 28,00 + porte * **Wilson Costa de Souza** – wilson.souza@uol.com.br.

A ARTE DE CUIDAR * quadrinhos com tema ambiental feitos por alunos de escolas de Uberlândia, oficina dada por Beto Martins * 2023 * 36 pág. * A5 * a/c **Alberto Martins** – Av. Batalhão Mauá, 1355 – Araguari – MG – 38440-210.

ART IS ART * homenagem a Ryosuke Cohen, mail art, colagens, trabalhos de vários artistas do mundo, etc. * n° 1 * jul/2023 * 14 pág. * A4 * edição digital * **José Nogueira** – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.

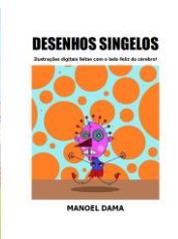
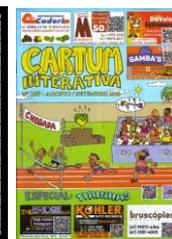
ART IS ART * homenagem a Lucia Longo, mail art, collage, graffiti, stickers, etc. * n° 3 * ago/2023 * 11 pág. * A4 * edição digital * **José Nogueira** – jn7400@gmail.com.



ARTS AROUND * edição especial dedicada aos trabalhos de Reid Wood, etc. * n° 9 * ago/2023 * 16 pág. * A5 * edição digital * **José Nogueira** – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.

CARTUM * HQs, tiras, cartuns de Aldo, especial Tirinhas * n° 169 * set/2023 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 130,00 (assin. anual) * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – B. Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.

DESENHOS SINGELOS * ilustrações digitais feitas com o lado feliz do cérebro, produção de Manoel Dama * set/2023 * **Manoel Dama** – www.amazon.com.br.



O DINOSSAURO INFANTIL * HQs de Pernalonga, Bolota, Gasparzinho, Bolinha, Tom e Jerry, Maguila Gorila, Luluzinha, Tininha, Patolino * n° 3 * jul/2023 * 60 pág. * 180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jau – SP – 17201-970.

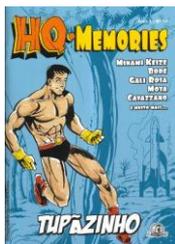
DRAGO * álbum com todas as páginas coloridas de Drago, criado por Burne Hogarth em 1945, em espanhol * jul/2023 * 68 pág. * 245x320mm * color. * 30.50 euros * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

GIBILÂNDIA * HQs de Roy Thomas e George Pérez, Jean Thomas, Thaddeus Mumford e Win Mortimer, e Roberto Guedes e Toninho Lima, com o encontro entre Conan e Tarzan, texto sobre John Romita * nº 29 * ago/2023 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 30,00 * **Roberto Guedes** – guedesbook@gmail.com.

HQ - MEMORIES * HQs de Minami Keizi, Bodé, Otoni Gali Rosa, Álvaro de Moya, Cavazzano, e Henfil, e cartas dos leitores * nº 12 * set/2023 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 28,00 * **Luigi Rocco** – luigirosso29@gmail.com.

JOSÉ RUY – A Alma Lusitana em Quadrinhos * vida e obra do quadrinhista português José Ruy, texto de Edgard Guimarães * ago/2023 * 190 pág. * 160x230mm * edição digital * **Henrique Magalhães** – www.marcadefantasia.com.

JOU VENTANIA – O Super-Herói Brasileiro * contos com o personagem Jou Ventania, produção de Lincoln Nery * 2023 * 44 pág. * A5 * capa dura color. * R\$ 94,55 + porte * **Lincoln Nery** – a/c www.clubedeautores.com.br.



LAMBE ZINE * intervenções no espaço urbano, trabalhos variados de José Nogueira * nº 6 * ago/2023 * 12 pág. * A4 * edição digital * **José Nogueira** – jn7400@gmail.com.

LEGENDAS HQ! * HQs de André Lima e Aurélio Filho, Márcio Semmes, Jerry Souza, Denilson Reis, Alex Doeppre e Shimamoto, Sérgio Toshihiro, entrevistas com Shimamoto e Toshihiro, textos de Henrique Reis, Marcos Freitas, e Edgard Guimarães, etc. * nº 2 * set/2023 * 48 pág. * 160x230mm * color. * edição digital * **André Carim de Oliveira** – andreocarim@outlook.com.

LEITOR VIP * especial charges de capa * nº 84 * set/2023 * 16 pág. * A5 * color. * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardino, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.



MESTRES DO TERROR * HQs de Ricardo Salviano, Laudo Ferreira, Greifo, matéria sobre Modesty Blaise, etc. * nº 80 * ago/2023 * 52 pág. * 200x280mm * capa color. * R\$ 30,00 * **Daniel Saks** – revistacalafrio@gmail.com.

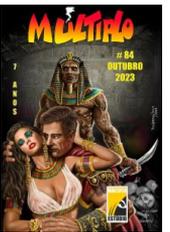
MÚLTIPLO * HQs de Omar Viñole, André Carim e Luiz Iório, Oscar Suyama, Hugo Máximo, Max Piaga, textos de André Carim, e Adalberto Bernardino * nº 76 * fev/2023 * 100 pág. * A5 * color. * R\$ 68,95 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

MÚLTIPLO * HQs de Omar Viñole, André Carim e Luiz Iório, Hugo Máximo, Marcelo de Oliveira Souza e Glauco Torres Grayn, textos de André Carim, e Adalberto Bernardino * nº 77 * mar/2023 * 84 pág. * A5 * color. * R\$ 64,83 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

MÚLTIPLO * HQs de Omar Viñole, Luiz Iório, Haroldo Magno e Shimamoto, textos de André Carim, e Adalberto Bernardino * nº 78 * abr/2023 * 64 pág. * A5 * color. * R\$ 59,16 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

MÚLTIPLO * HQs de Omar Viñole, Luiz Iório, Gedeone Malagola e Gederson Oliveira, Danilo Mor e Johnny, Rod Tigre e Douglas Galindo, Daniel Vardi e Sérgio Oliveira, texto de André Carim, etc. * nº 79 * mai/2023 * 88 pág. * A5 * color. * R\$ 65,60 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

MÚLTIPLO * HQs de Omar Viñole, Luiz Iório, Rod Tigre e Walmir Amaral, Gedeone Malagola e Rayson Oliveira, texto sobre Walmir Amaral, resenhas de André Carim, e Adalberto Bernardino, etc. * nº 80 * jun/2023 * 100 pág. * A5 * color. * R\$ 68,43 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.



MÚLTIPLO * HQs de Omar Viñole, André Carim e Luiz Iório, Vagner Francisco e Paulo Fernando, Di Gomes e Paulo Fernando, Gedeone Malagola e Willian Cabral, e Oscar Suyama, resenhas de André Carim, e Adalberto Bernardino, etc. * nº 81 * jul/2023 * 92 pág. * A5 * color. * R\$ 66,37 + porte * **André Carim de Oliveira** – a/c www.clubedeautores.com.br.

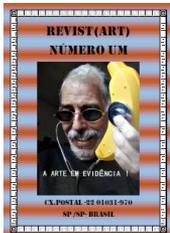
MÚLTIPLO * HQs de Omar Viñole, Oscar Suyama, João Crepaldi, Francinildo Sena e Gilberto Borba, matéria e entrevista com Hugo Máximo, resenhas de André Carim, Adalberto Bernardino, e Andrej Basic * nº 83 * set/2023 * 76 pág. * A5 * color. * edição digital * **André Carim de Oliveira** – andreocarim@outlook.com.

MÚLTIPLO * HQs de Viñole, André Carim e Luiz Iório, Oscar Suyama, entrevista com Eduardo Schloesser, textos de Gabriel Rocha, e Andrej Basic, resenhas de André Carim, e Adalberto Bernardino, etc. * nº 84 * out/2023 * 80 pág. * A5 * color. * edição digital * **André Carim de Oliveira** – andreocarim@outlook.com.

QUADRINHOS BRASIL * HQ de Abdon Soussy, divulgação de edições independentes, classificados, etc. * nº 1 * out/2023 * 8 pág. * A5 * edição digital * **Abdon Soussy** – quadrinhosindependentes@gmail.com.

REVISTART * artist's book, collage, foto, grafitti, mail art de vários artistas de todo o mundo, etc. * nº 1 * jul/2023 * 16 pág. * A4 * edição digital * **José Nogueira** – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.

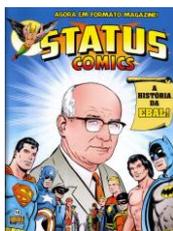
REVISTART * artist's book, collage, foto, grafitti, mail art de vários artistas de todo o mundo, etc. * nº 2 * ago/2023 * 14 pág. * A4 * edição digital * **José Nogueira** – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.



STATUS COMICS * especial sobre a história de Adolfo Aizen e da editora Ebal, agora em formato magazine * nº 10 * jul/2023 * 52 pág. * 210x280mm * capa color. * R\$ 50,00 * **Roberto Guedes** – R. Barão de Paranapiacaba, 119 – Diadema – SP – 09950-420 – guedesbook@gmail.com.

TARZAN * páginas dominicais de Russ Manning, em espanhol * nº 10 * jun/2023 * 84 pág. * 315x230mm * color. * 18,50 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

TARZAN * tiras diárias de Russ Manning, em espanhol * nº 7 * jun/2023 * 68 pág. * 315x230mm * capa color. * 18,50 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.



VELTA – Contos da Super-Detetive * contos e HQs de Velta, a Super-Detetive, capas do fanzine “Zat” * nº 14 * jul/2023 * 36 pág. * 150x230mm * capa color. * **Emir Ribeiro** – C.P. 4104 – ACF Praia do Cabo Branco – João Pessoa – 58045-970 – emir.ribeiro@gmail.com.

ZINE CQI * seleção de HQs de Fernando Collar Braga, Erika Pedraza, Lincoln Nery e Pedro Lucas, Fernando Marques, Diogo Oliveira, Jorge Ventura e Val Mello * jan/2023 * 16 pág. * A5 * a/c **Lincoln Nery** – juventania1@gmail.com.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * textos sobre horror, suspense, fic e fantasia, contos, resenhas sobre cinema, etc. * nº 249 * ago/2023 * 10 pág. * edição digital * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * textos sobre horror, suspense, fic e fantasia, contos, resenhas sobre cinema, HQ de Angelo Júnior, etc. * nº 250 * set/2023 * 20 pág. * edição digital * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

O BERRO * entrevista com Lary, baterista da banda punk “Ratas Tabiosas”, textos diversos, opiniões, reflexões, etc. * nº 33 * 2023 * 16 pág. * A5 * **Winter Bastos** – C.P. 100.050 – Niterói – RJ – 24200-971 – oberrofanzine@gmail.com.



O CORPO SENSÓRIO * estudos sobre cinema, imersão e sentidos, organização de Rodrigo Carreiro * ago/2023 * 214 pág. * 150x210mm * edição digital * **Henrique Magalhães** – www.marcaedefantasia.com.

CORREIO DA PAZ * textos de cunho espiritual * nºs 50 e 51 * 2023 * 4 pág. * A5 * **Rosângela Carvalho** – C.P. 5366 – B. Taguatinga – Centro – Brasília – DF – 72010-971.

Emergências Contemporâneas nas Pesquisas em Práticas de Ensino e Linguagem * estudos sobre Educação, organizados por José Domingos e Linduarte Pereira Rodrigues * set/2023 * 245 pág. * 160x230mm * edição digital * **Henrique Magalhães** – www.marcaedefantasia.com.



FILMES ANTIGOS – EUROPA * comentários sobre filmes europeus de várias épocas * nº 11 * ago/2023 * 36 pág. * 180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

GARIMPO * notas culturais diversas * nºs 217 e 218 * ago/2023 e set/2023 * 2 pág. * A4 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001 – coscussilva65@gmail.com.

GATOZINE * zine dedicado aos gatos, capas de revistas, ilustrações, curiosidades, poema, fotos, etc. * nº 5 * abr/2023 * 18 pág. * A5 * edição digital * **José Nogueira** – C.P. 22 – São Paulo – SP – 01031-970 – jn7400@gmail.com.



MACHADO NA TV * notícias culturais da cidade de Machado (MG) * nº 1 * jul/2023 * 4 pág. * 225x310mm * Carlos Roberto de Souza – machadocultural@gmail.com.

A Potência dos Discursos no Presente * textos de vários autores sobre gestos de leitura do acontecimento * 2023 * 321 pág. * 150x210mm * edição digital * Henrique Magalhães – www.marcadefantasia.com.

A VIDA COMO JOGO * estudo de Marcelo Bolshava Gomes sobre a gamificação da Democracia mediada * jul/2023 * 162 pág. * 150x210mm * edição digital * Henrique Magalhães – www.marcadefantasia.com.

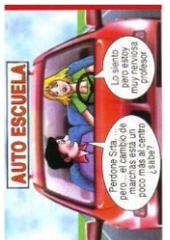
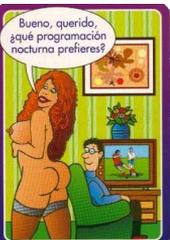
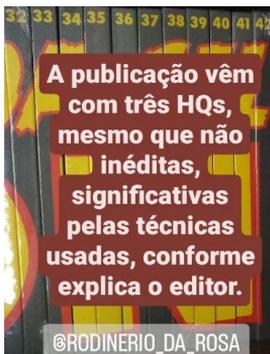


Divulgações enviadas por Denilson Rosa dos Reis.



QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Paulo Joubert Alves enviou o folheto ilustrado Febre Maculosa da Prefeitura de Belo Horizonte; página ilustrada sobre Finanças de folhinha da Drogasil e Droga Raia; Tabela Infantil da Copa de Qatar com jogo da memória; cartão telefônico da companhia italiana Telecom; dois calendários de bolso de bares da cidade San Bartolomé de la Torre.



@MARCELO.DSALETE

@EDITORAVENETA

A narrativa nos leva a uma leitura leve, mesmo tratando de um tema pesado.



MANTENDO CONTATO

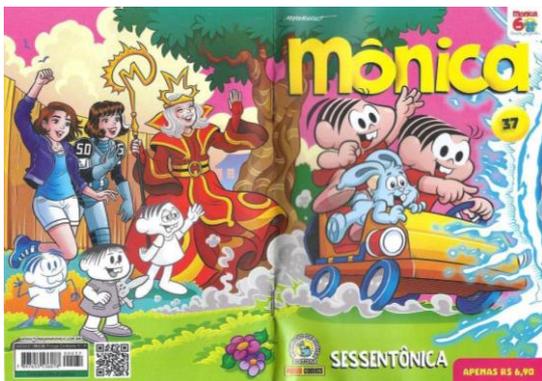


ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

MEGAVERSOS E ANIVERSÁRIO

Parece que a febre de interação de universos de personagens de super-heróis, especialmente do Homem-Aranha da Marvel Comics, infectou outros criadores de quadrinhos. Foi publicada na revista **Histórias Curtas** nº 49 (editora Culturama, 68 pág., tamanho 13,5x19,5cm, R\$ 9,90) a HQ **Realidades Alternativas** (roteiro: Gabriele Mazzoleni; desenhos: Andrea Lucci). A personagem principal é a SuperBrigite, eterna pretendente amorosa do Tio Patinhas, que aperta botões de um estranho dispositivo que a leva para alternativas possibilidades dos personagens Disney e dela mesma! Uma divertida bagunça!

Já os estúdios MSP resolveram criar um Monicaverso com todas as versões possíveis da Mônica e do Sansão. As HQs desse universo percorrem as revistas **Mônica** nº 37 (editora Panini, 52 pág., tamanho 13,5x19,5cm, R\$ 6,90) e **Turma da Mônica** nº 37 (editora Panini, 52 pág., tamanho 13,5x19,5cm, R\$ 6,90) com direito a capas duplas. Com roteiro de Flávio de Jesus, desenhos de Roberto Pereira e Jairo dos Santos, arte-final de Andrea de Petta, Fernando Dalle e Marcos Fernando e letras de Danilo Batista, a saga é uma profusão de personagens, vilões e alternativas de Mônica! Criam uma ligação entre o Monicaverso e o Sessentônica, com a participação de Maurício de Sousa, numa confusão desenfreada que deve confundir o leitor ou até mesmo os roteiristas! Em determinado momento da história, não se entende mais nada! Não se sabe se as HQs são uma sátira aos super-heróis ou uma grande brincadeira entre os autores do estúdio MSP.



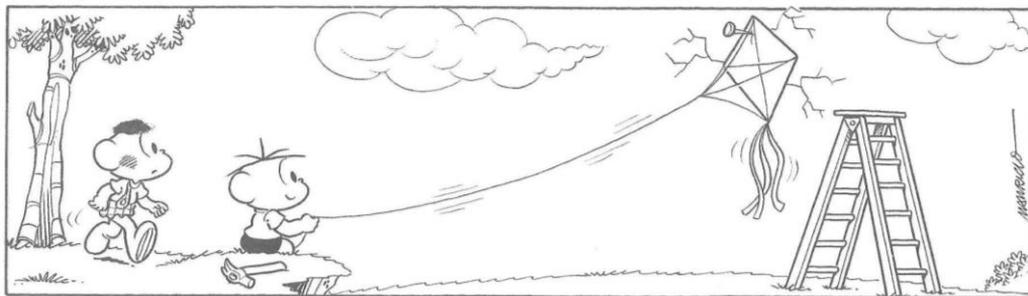
PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

Já a HQ *Qual é o Personagem mais Rápido dos Quadrinhos?*, publicada na revista **Turma da Mônica** nº 39 (editora Panini, 52 pág., tamanho 13,5x19,5cm, R\$ 6,90), acerta na medida com a participação de uma dezena de personagens de outras editoras. Com roteiro de João Xavier, desenhos de Fernando Campos, arte-final de Kazuo Yamassake e letra de Danilo Batista, a HQ é uma divertida competição de quem é mais rápido! Na história estão Flash (DC), Mercúrio (Marvel), Papa-Léguas, Sonic, Magali, Cascão, Mônica e o Cebolinha fugindo da coelhada! Ele corre tanto que entra numa dobra do tempo e vai parar no passado, no começo dos anos 1960, quando eram publicadas as primeiras HQs do Maurício de Sousa. Lá o Cebolinha atual encontra sua versão daquele período e o gorducho Franjinha e o Bidu original! A HQ tem ainda na primeira página as versões MSP do Professor Pardal, Tio Patinhas e até do Riquinho! Creio que é a primeira vez que os personagens Disney são retratados nas páginas do universo MSP.



CEBOLINHA E AS PIPAS

Na edição anterior dessa coluna, comentei uma pérola da metalinguagem publicada na revista **Almanaque de Histórias sem Palavras** nº 5, quando Cebolinha está empinando uma pipa na praia e o brinquedo encosta no Sol e pega fogo! Mas parece que a ligação do personagem com as pipas e a metalinguagem vem de longo tempo, como mostra a tira publicada na revista **As Melhores Tiras da Turma da Mônica** nº 4 (editora Panini, 132 pág., tamanho 10,5x17,5cm, R\$ 19,90) onde Cebolinha prega uma pipa no céu!

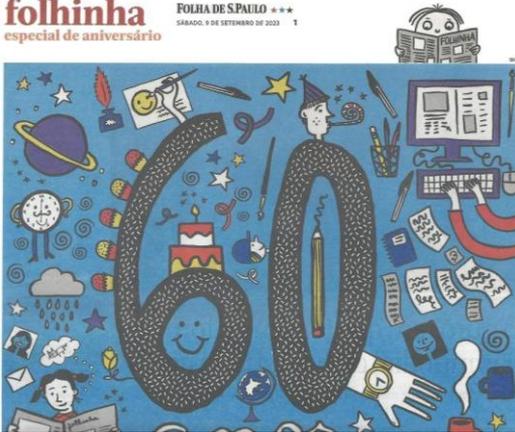


60 ANOS DA FOLHINHA

O suplemento infantil do jornal **Folha de S. Paulo** fez 60 anos de nascimento. A **Folhinha** saía semanalmente como encarte do jornal diário. Foi criada pela editora Tia Lenita com a grande colaboração de Maurício de Sousa. O pai da Mônica fazia boa parte dos quadrinhos, ilustrações e passatempos publicados. Foi na **Folhinha** que surgiu o Horácio, Super Horácio e muitos outros personagens. Com o passar do tempo outros autores estrearam nas páginas do suplemento como Angeli com seu personagem Feijão e Glauco com o Gerdalinho. O suplemento foi muito importante para muitas gerações de leitores e criadores, mas nos últimos anos virou duas ou três páginas do caderno **Cotidiano** aos sábados no jornal. Com toda a importância e a história da **Folhinha**, os 60 anos mereciam uma comemoração muito melhor. Mas em nove de setembro saiu uma edição especial, em formato tabloide, com 8 páginas, com ilustração de capa de Silvis, o suplemento privilegiou novos leitores, alguns textos sobre cartunistas que trabalharam para o suplemento, um texto sobre um leitor famoso: o jornalista Gabriel Priolli e uma ilustração dos estúdios MSP sobre a comemoração. Uma edição muito tímida e até preguiçosa para a importância do suplemento e de todos os quadrinhistas, redatores e ilustradores que passaram e criaram por suas páginas. Lamentável!

folhinha
especial de aniversário

FOLHA DE S.PAULO ***
SÁBADO, 9 DE SETEMBRO DE 2023 1



60 anos de Folhinha de S. Paulo



O NASCIMENTO DA FOLHINHA
Maurício de Sousa era repórter na Folha quando Tia Lenita (esq.) o convidou para criar com ela a Folhinha. No desenho especial de aniversário, Maurício reproduz esse momento, e a primeira edição aparece na prancheta. *Maurício de Sousa Produções*

PENINHA E SUA PATA

Os quadrinhos Disney italianos sempre têm roteiros e desenhos inusitados e inventivos. É o caso da HQ *Fantasia Interplanetária* publicada na revista **Pato Donald** nº 53 (editora Culturama, 68 pág., tamanho 13,4x19,5cm, R\$ 9,90). Com roteiro e desenhos de Alessio Coppola, a HQ de uma página é uma inusitada visão das trapalhadas do Peninha.

OS FLINTSTONES E O CARRO POPULAR

O cartunista Jean Galvão rememorou o famoso carro do desenho animado da Hanna-Barbera, **Os Flintstones**, da década de 1960. Satirizando o projeto de carro popular do governo federal, o autor publicou sua charge na página de editoriais do jornal **Folha de S. Paulo**.



Roteiro e Desenhos: Alessio Coppola

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA

FELICIDADE

E. Figueiredo

*Não é fácil encontrar a felicidade dentro de nós,
E é impossível encontrá-la em outro lugar.*

Agnes Repplier (1855-1950), ensaísta americana

A felicidade é o sentimento que temos que a nossa existência não está passando inutilmente. Porém, a felicidade é pensada como uma situação subjetiva e pessoal. O que pode parecer um estado de felicidade para alguém, pode ser o oposto para outro.

Embora existam muitas definições para o que é felicidade, pode-se afirmar que se trata de um estado emocional constituído por sentimentos de satisfação, alegria, contentamento e realização.

Uma pessoa demonstra felicidade quando se sente bem consigo mesma, recordando momentos ótimos, convívio com amigos e familiares, fazendo o que gosta e com pensamentos positivos para o futuro. Além do mais, ser feliz está associado à percepção geral sobre a vida.

Uma outra definição para felicidade é que ela representa superação das dificuldades e a ausência do sofrimento e dissabores, já que uma pessoa feliz se sente plenamente realizada e completa.

A felicidade é retratada por diversos filósofos, pela psicologia e pelas religiões.

Destacando os filósofos, estes associavam a felicidade ao prazer, pois seria difícil definir a felicidade como um todo. Isto é, de onde ela surge, e quais os sentimentos, situações e emoções envolvidos. Para Aristóteles, a felicidade diz respeito ao equilíbrio e harmonia. Epicuro dizia que a felicidade ocorre através da satisfação dos desejos. Pirro de Elis acreditava que a felicidade acontecia através da tranquilidade. Mahavira, filósofo indiano, dizia que a não violência era um importante aliado para atingir a felicidade plena. Para o filósofo chinês, Lao Tsé, felicidade poderia ser atingida tendo como modelo a natureza. E Confúcio acreditava na felicidade em virtude da harmonia entre as pessoas.

Na área da psicologia, o psiquiatra Sigmund Freud defendia que todo ser humano é movido pela busca da felicidade, todavia, essa busca seria algo utópico, pois, para ela existir, não poderia depender do mundo real, onde o indivíduo pode ter experiências como o fracasso. O máximo que uma pessoa poderia conseguir seria uma felicidade parcial.

Quanto às religiões, quase todas propõem um significado de vida. Preconiza a vida após a morte, o que acalma a ansiedade da morte. Deus representa uma imagem de apego, que suplementa as aflições do indivíduo ou compensa a falta destas. Isso não quer dizer que ter uma religião nos torna feliz, porém uma pessoa religiosa motiva mais felicidade.

Afinal o que é felicidade?

Várias definições encontramos, pois cada um vê por prismas diferentes, com base no seu viver. Na verdade, a felicidade é o que acontece de bom, uma alquimia sutil. Algo relacionado a acontecimentos concretos ou à percepção de instantes felizes, plenos de sentidos e de significados. É uma questão de natureza! Aquele que é feliz tem o poder de contagiar.

Naturalmente, o conceito de felicidade é muito relativo. Isto é, ele varia de pessoa para pessoa. Felicidade é o estado de quem é feliz, possuidor de uma sensação de bem estar e contentamento, que ocorre por motivos variados. A felicidade é um momento durável de satisfação e prazer, onde a pessoa se sente plenamente feliz e realizada, num momento onde não há nenhum tipo de sofrimento. Inexiste um caminho real para se obter a felicidade: são caminhos diferentes. Pode-se ser feliz sem coisa alguma, enquanto outros são infelizes mesmo possuindo de tudo. Conclui-se, pois, que se trata de uma emoção básica caracterizada por um estado emocional positivo.

Quando o indivíduo sofre decepções, dor emocional, perda de algo, eventos desafiadores, não há felicidade, mas, sim, tristeza!

E, tristeza não tem fim! FELICIDADE sim...



COLEÇÃO PERNALONGA

Pedro José Rosa de Oliveira

Em 1951 a saudosa Ebal lançou uma série especial chamada **Coleção Pernalonga**, anunciada em 15 volumes, sendo edições especiais de **Mindinho**.

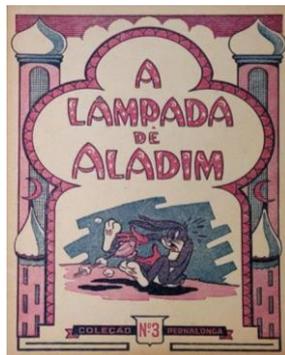
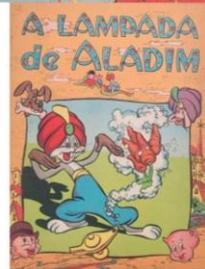
O primeiro número, **Como Salvar Uma Linda Princesa**, da **Coleção Pernalonga** tem como história principal *Como Salvar Uma Linda Princesa* com 10 páginas e se passa no Reino de Bovária. Possui mais 4 histórias de uma página: *Esperteza Ali é Demais!*, *Uma Tuba... Cutuba!*, *Nada Como o Fruto Proibido!* e *Ah, Agora Sim!*.

O volume 2 segue o mesmo formato que o anterior, com o título da história principal, que é *Capturado pelos Canibais*. As demais histórias são de uma página: *Tal Como Ela Queria...*, *Assim Também é Demais!*, *Agora sim!* e *Um Vendedor das Arábias!*.

No volume 3, chamado **A Lâmpada de Aladim**, além dessa história principal, tem as histórias de uma página: *O Frajola é de Amargar!*, *O Pernalonga Sabe...* e *Um Jogo Vibrante*.

É um álbum de luxo, de somente 20 páginas, tamanho gigante 30x24cm, capa cartonada, páginas internas de alta gramatura impressas com uma cor (vermelho no volume 1, verde no volume 2 e rosa no volume 3). Mas o mais interessante dessas publicações é que as capas formam um gigante envelope (algo que nunca vi em outro gibi). Estes 3 números foram originários de Quaker Cereal.

É uma coleção desconhecida e rara. Apesar do anúncio de 15 volumes, conheço somente estes 3 apresentados. Até pouco tempo desconhecia a existência do volume 3. Alguém aqui sabe algo mais ou conhece outro número desta coleção?



Nota: A editora Western produziu para a empresa Quaker, em 1949, três séries de 5 números cada, no formato talão de cheque (17x7,9cm) com o coelho Pernalonga (Bugs Bunny) com histórias de 30 páginas. A Ebal deve ter pretendido publicar esse material em quinze volumes mudando o formato (e acrescentando histórias curtas das revistas de linha do personagem que ela já publicava desde 1949). Depois, em 1958, a Ebal publicou na **Coleção Enfeitada**, no formato original, mesclando com personagens Disney, mais 6 aventuras dessa coleção da Quaker: *O Agente Secreto*, *O Submarino Misterioso*, *Um Tesouro Enterrado*, *O Fantasma Anão*, *Entre os Fuzileiros* e *O Homem de Marte*.

DURANTE muitos anos, as professoras, professoras e alunos das escolas que visitaram a Editora Brasil-América encontravam, em nossa seção de desenho, uma figura pitoresca e respeitável: Max Yantok. Caricaturando e contando as suas aventuras e façanhas a todas as visitas, Yantok — ilustrador e inventor das "Aventuras de Kaxim-bown" — transportava-se e transportava os presentes para o mundo antigo, para o mundo dos seus oitenta anos bem vividos.

Conhecemo-lo no antigo "O Tico-Tico", onde trabalhávamos em mesas vizinhas. Passados anos, encontramos-lo trazendo e fazendo as letras nos balões das primeiras his-

tórias-em-quadrinhos, para as tiras diárias da King Features Syndicate, que o Dr. Arroxeas Galvão, representante no Brasil do Consórcio Hearst, vendia aos jornais do interior (em clichês já prontos. Mais tarde, já bem idoso, quando nenhum jornal mais queria os seus serviços profissionais pela idade que tinha (e pelo seu traço superado para a época atual), demos-lhe trabalho aqui, na Editora.

Isso ocorreu em 1956. Durante seis anos ficou conosco, quando se afastou de vez da vida profissional, conseguindo aposentadoria pelo IAPI "por Velhice" (tinha, então, 81 anos de idade), com o benefício de Cr\$ 10.240,00, ou seja dez cruzeiros novos mensais.

MAX YANTOK nasceu na cidade de Soledade, Rio Grande do Sul, em 29 de janeiro de 1881. Filho de João Cesarino e Maurícia C. Cesarino. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1965, em sua última residência, à rua Antônio

de Pádua, 21, Estação de Riachuelo.

A título de curiosidade reproduzimos, nesta página, um autógrafo de Yantok ao despedir-se desta Editora, por motivo de aposentadoria. Note os leitores a sua caligrafia aos 81 anos de idade.

Res. 3-8-62
Prezado Sr. Adolfo Bizzi,
Cordial saudação,
Na iminência de obter aposentadoria pelo I.A.P.I. cumpre-me reconhecer ao Sr. Aço minha determinação de não me julgar delegado, sendo materialmente da Estônia, que o Sr. Aço foi proficazmente dirigido, porquanto, pelo tempo em que fui a honra de ser funcionário dessa Empresa, adquiri alguma experiência, seja para ser Diretor, que pelo colega, tempo que eu produzir algum trabalho especialmente, adaptável à Estônia e entre outros, principalmente de qualque compensação para que possa atingir a oportunidade.
É isso a minha ablução dirigida pelo colega que adquiri para com todo o que tive o prazer de conhecer, pois que da Estônia nunca me desligo, haja vista a S.ª O. Mallo, que não devo de modo algum, esquecer meus trabalhos, sublinhando o Tico Tico não seja mais publicado e Remo, pois não a manifestação de minha elevada Estônia, pois com Aço como pai, com todo o jornal da Great America e sublinho me
Max Yantok



Yantok entre a cronista Eneida e o caricaturista Alvarus

EIS como Sérgio Augusto contava para a sua seção do "Jornal do Brasil", de 9 de fevereiro de 1968, as visionices de Max Yantok e o seu mundo de conhecimentos, que bem poderia ter sido um mundo de fantasias...

"São muitos os fatos honrosos de sua vida. Quando morava na Via Sapenza, 11, em Nápoles, seu vizinho era um rapaz que trabalhava como carroceiro de dia e, de noite, pedia a Yantok que o acompanhasse ao piano. Esse rapaz gostava de exercitar a voz e se chamava Enrico Caruso. De seu círculo de amizades faziam parte Rui Barbosa (que só o chamava de Kaxim-bown), Bastos Tigre, Emilio de Menezes, Lima Barreto, Cautulo da Paixão Cearense, J. E. de Macedo Soares, Carlos de Laet, Gastão Bousquet, o ex-Ministro da Saúde Mário Pinotti, Irineu Marinho, Monteiro Lobato, Francisco Matarazzo, além de representantes da intelligenzia européia, como Alain, Júlio Verne, Benedeto

Croce (seu professor na Escola Politécnica), o fabulista Trilussa, o historiador Guglielmo Ferrero, o dramaturgo Ibsen, o escritor Gorki e o criador de Pinóquio, Carlos Lorenzini (Collodi).

Yantok era um apaixonado das histórias de Verne e H. G. Wells e tinha um espírito visionário. Gostava de desenhar cidades do futuro e fazer planos para o ano 2.000. No exemplar de 15 de dezembro de 1915 da revista Fon-Fon, publicou um curioso desenho profético, com fortalezas voadoras, veículos interplanetários, teleguiados, robôs e uma antecipação do Sputnik, no melhor estilo Melles. Em 1921, apresentou quatro sugestões para salvar o Rio de Janeiro: duas avenidas perimetrais ligando o Pão de Açúcar ao Centro e ao subúrbio, casas empoleiradas como as dos passarinhos para resolver o problema da habitação e uma ponte Rio-Niterói, com passagem elevada para as barcas. Andrezza ficaria muito satisfeito com a sua colaboração.

A nossa revista O CAPITÃO Z, de agosto de 1959 a setembro de 1960, publicou continuamente edições completas com as histórias-em-quadrinhos de Yantok. O N.º 69, que dava início à série, tinha por título "Os Truques do Dr. Pára-choque". E a introdução dizia: "Desde pequenininho o Dr. Pára-choque gostava de inventar. Aos dez anos de idade concebeu a cidade sem pára-raios, própria para o Ceará, onde não chove, e consequentemente não tem raios. Dois anos depois, sucedia o Rio de Janeiro, com a invenção do lápis sem ponta, para os analfabetos. E assim foi, até que imaginou a maior das suas concepções. Foi com ela que ele se tornou conhecido em todo o mundo: o aeroplano que não voa, de grande significação para os que têm vertigens das alturas. Assim, vamos encontrá-lo certo dia em sua casa... E, daí por diante, tem início a aventura propriamente dita, em quadrinhos, do Dr. Pára-choque.

Os números seguintes tiveram os seguintes títulos: "O Capitão Fogueira"; "Do Rio a Marte"; "A Ilha dos Pântanos"; "Trabalhadas do Peteleco"; "Aventuras do Capitão Zero"; "O Barão da Bagunçônia"; "O Mágico da Floresta";

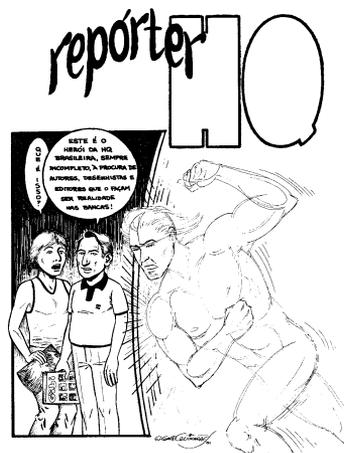
"Aventuras de Levabreque e Patapuff"; "Ebal I. Uma Aventura na Lua"; "Pipoca, o Famoso Explorador"; "Jick Tyndall" e, por último, "Kaxim-bown, Pipoca & Cia". Na aventura que tem por título "Ebal I. Uma Aventura na Lua", grande número de redatores, desenhistas, diretores e outros que trabalhavam, na época, na Editora Brasil-América, faziam parte da maravilhosa história.



Max Yantok visto por ele mesmo

QUEM É WALLY?

A revista-livro **Memo** nº 11, dedicada a Eugenio Colonnese, trouxe a foto abaixo, tirada no Encontro de Histórias em Quadrinhos de Araxá em 1988. A legenda identifica o segundo agachado como Claudeir Corvo, de quem nunca ouvi falar. Até onde a qualidade da foto me permite reconhecer, trata-se de Antônio Roque Gobbo, frequentador de todas as edições do evento em Araxá. Gobbo atuou intensamente durante alguns anos na área das Histórias em Quadrinhos, criando a Biblioteca Nacional de Histórias em Quadrinhos – BNHQ, em Belo Horizonte, iniciando com sua própria coleção e substancialmente aumentada com doações. Visitei uma vez, quando estive em Belo Horizonte, a Biblioteca, que funcionava num local cujo aluguel era bancado pelo próprio Gobbo. Publicou, além do fanzine **Repórter HQ**, várias outras edições, como os **Arquivos do Martinez**, apostilas com cursos de desenho e HQ, entre outros. Quando Gobbo encerrou suas atividades, doou todo o acervo da Biblioteca para a Universidade Federal de Minas Gerais. A edição digital que publiquei junto com o **QI** passado, **Quadrinhos de um só Quadro**, tem uma ilustração que fiz para uma eventual capa do **Repórter HQ**, com uma caricatura de Gobbo, e que foi capa do **QI 92**.



Em pé: Eduardo Ofeliano, Júlio Shimamoto, Henrique Farias, Watson Portela, Primaggio Mantovi, João B. Baldisseri, Eugênio Colonnese e Ataíde Braz. Sentados: Gustavo Machado, Claudeir Corvo e Rodolfo Zalla.

MARAJAH



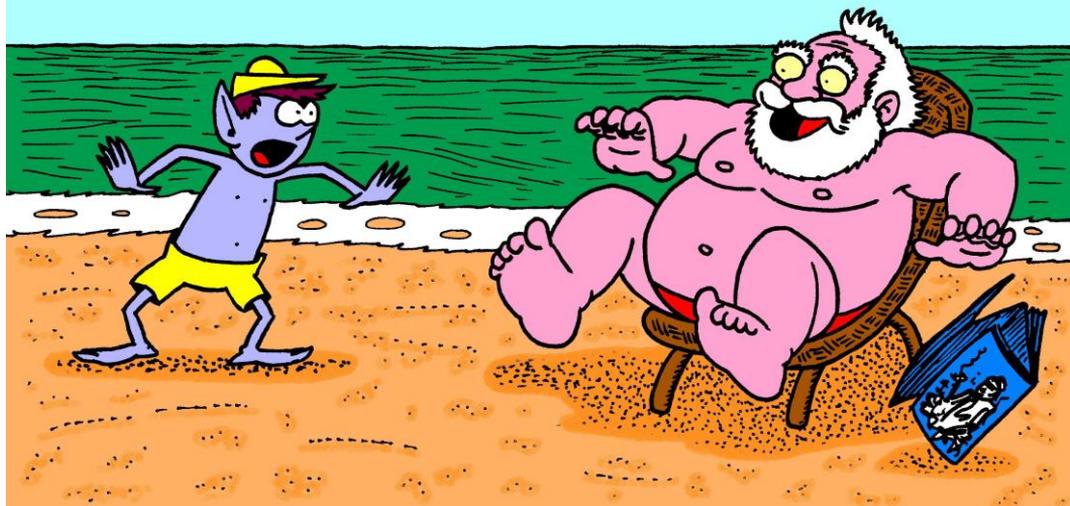
Imagem da capa da versão impressa, sem os cartões colados.



Cartão de Natal enviado aos leitores da versão impressa.

TEM UM CABOCLO
QUERENDO PASSAR
NA NOSSA FRENTE!...

**KÊ É AQUELE
LÁZARO DE NOVO!**



Espera até final de dezembro e então

Feliz Natal

e

Próspero Ano Novo